

# A China e o marxismo:

Li Dazhao, Mao e Deng

Armen Mamigonian

**Como citar:** MAMIGONIAN, Armen. A China e o marxismo: Li Dazhao, Mao e Deng. *In* : ROIO, Marcos Del (org.). **Marxismo e Oriente** : quando as periferias tornam-se os centros: Oficina Universitária; São Paulo: Ícone, 2008. p.145-200. DOI: <https://doi.org/10.36311/2008.978-85-274-0962-9.p145-200>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# A CHINA E O MARXISMO: LI DAZHAO, MAO E DENG

Armen Mamigonian  
*Prof. de Geografia Econômica  
da Universidade de São Paulo*

## 1 Introdução ao enigma chinês

Os contatos entre Ocidente e Oriente datam da Antigüidade. Heródoto, pai da geografia e da história, viajou por grande parte do Oriente próximo e decifrou o Egito como "dádiva do Nilo". Aristóteles logo depois, também comparando povos e instituições, talvez tenha sido o primeiro a fazer referências ao "despotismo oriental", minimizando o fato de Sócrates ter sido condenado à morte pela democracia ateniense.

O Império Romano foi incorporado às relações com a China pela Rota da Seda, mas durante a Idade Média a decadência do Ocidente provocou a interrupção de suas relações com o Oriente, restabelecidas lentamente, primeiro com o Oriente próximo e mais tarde com a China, pelas viagens de Marco Polo.<sup>147</sup> O deslumbramento da Europa atrasada diante dos avanços das civilizações árabe, bizantina e chinesa provocou

<sup>147</sup> REID, S. *As rotas da seda e das especiarias*. Lisboa, Ed. Estampa-Unesco, 1993. p. 5.

forte interesse de seu capital comercial. Com as grandes navegações a Europa assumiu posições agressivas e de supremacia em relação ao restante do mundo. As idéias do despotismo oriental foram retomadas (Montesquieu e outros) pelo seu lado mais depreciativo, visando referendar a superioridade européia e norte-americana e suas políticas colonialistas, que se intensificaram no século XIX, quando a China foi transformada em semi-colônia pelo condomínio imperialista composto pela Inglaterra, França, Alemanha, EUA, Japão, Rússia e outros.

Durante o século XIX a China foi esquarterada, saqueada e inferiorizada pelos seus exploradores externos, associados aos seus aliados internos. Mas, curiosamente, foi o marxismo, nascido no Ocidente das idéias alemãs (filosofia clássica), inglesas (economia política) e francesas (socialismo), que permitiu a regeneração da China, a vitória da revolução nacional popular liderada por Mao Tsétung e o esforço atual para se tornar uma superpotência capaz de barrar os desmandos do fascismo norte-americano, tão destruído quanto foi anteriormente a Alemanha nazista, e assim ajudar a regeneração do próprio Ocidente.

Nascido na Europa, o marxismo perdeu força no seu lugar de origem, mas por isto mesmo cabe a pergunta: o que levou a conquistar os corações e as mentes de milhões de chineses e asiáticos e dar um novo impulso à luta pelo socialismo, após a vitória da revolução e depois sua trágica queda na URSS?

Os fundadores do marxismo (Marx e Engels), influenciados pelas revoluções de 1789 e 1848, superestimaram as lutas de classe que se travavam na Europa, paralelamente à subestimação das questões nacionais (unificações, etc.), que ocorriam na Itália, na Alemanha, no Japão e em outros lugares.<sup>148</sup> Ao mesmo tempo, apesar da genialidade, elaboraram uma visão eurocêntrica do mundo, como era comum na época.

<sup>148</sup> ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo, Boitempo, 2004, posfácio.

Entretanto, a eles se deve creditar a idéia do modo de produção asiático, que descartava a noção de evolução unilinear da humanidade (comunismo primitivo, escravidão, feudalismo, capitalismo e socialismo). A observação de Heródoto referente ao Egito, acima mencionada, serviria para as civilizações da Mesopotâmia, da Índia, da China e dos impérios pré-colombianos da América.<sup>149,150</sup>

A propósito da China caberia indagar da enorme duração de sua história imperial e de sua civilização, comparativamente aos outros casos. Aliás, Marx acompanhou, em meados do século XIX, os extertores da história milenar do império chinês, que se apresentavam como questão camponesa e como questão nacional, ambas de dimensões gigantescas.<sup>151</sup>

Assim como o budismo, as dinastias mongol (1260-1368) e manchu (1644-1912), o marxismo introduzido tardiamente na China (1920), logo adquiriu especificidades chinesas, tanto com Mao como com Deng. Por isto mesmo é útil tentar entender, mesmo de maneira introdutória, a longevidade da civilização chinesa e do império chinês.

## 2 A longevidade da civilização e do império chinês

Algumas civilizações da Antigüidade tiveram duração menor (Egito e Mesopotâmia) e outras maior (Índia e China), assim como os impérios correspondentes. A China é o caso de civilização de maior duração e isto se deve a vários fatores, que foram se conjugando ao longo do tempo.

A posição geográfica da China, no extremo-Oriente, foi um fator de proteção diante das invasões, comparativamente às áreas de trânsito mais fácil. As conquistas de Alexandre

<sup>149</sup> WITTFOGEL, K. *Oriental despotism: a Comparative study of total power*. New Haven, 1957.

<sup>150</sup> SOFRI, G. *O modo de produção asiático*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

<sup>151</sup> MARX, K. *Revolução na China e na Europa*, in *Marx e Engels: Sobre o colonialismo*, vol I, Lisboa, Ed. Estampa, 1978, pp. 21-30.

alcançaram o Egito, Mesopotâmia, a Pérsia, a Índia, mas não a China, que estava longe demais. A China, sujeita às invasões tártaras (mongóis, manchus, etc.), se viu forçada a construir a Grande Muralha, iniciada no século IV a.C., o que desviou estas invasões para a Índia, a Rússia e a Europa ocidental e com sua civilização consolidada conseguiu absorver mais tarde mongóis e manchus. Além da posição geográfica vantajosa, outros fatores se combinaram para permitir uma vida rica e duradoura à civilização chinesa: 1) a gênese e expansão da agricultura intensiva de arroz; 2) o nascimento de filosofias civilizatórias e tolerantes, como o taoísmo e o confucionismo (século VI a.C.) e 3) o surgimento e a consolidação da administração pública que precocemente deu origem a um estado nacional (século III a.C.).

A "civilização do arroz"<sup>152</sup> teve importância essencial na vida material da China e da Índia e por extensão nas áreas abrangidas pelas chamadas chuvas de monção. As duas civilizações nasceram em extensas planícies fluviais, de grande fertilidade agrícola, capazes de comportar altas densidades populacionais. Além de importância na vida material, a civilização do arroz, nascida na exuberância natural da Ásia das Monções (chuvas abundantes e rios caudalosos com grandes planícies férteis) teve papel importante na vida espiritual dos seus habitantes, dando origem às religiões e filosofias fortemente pacifistas e tolerantes, comparativamente às do Mediterrâneo oriental, onde as condições naturais inóspitas ajudaram a emersão de um conflito maior entre homem e natureza e das idéias religiosas de que ela deveria ser dominada e mesmo destruída.<sup>153</sup> Como se sabe, para os hindus não existia abismo entre os homens e os animais, pois todos tinham alma, assim como o taoísmo e o confucionismo ensinavam que o homem e a natureza deveriam conviver harmoniosamente. Além do mais,

---

<sup>152</sup> GOUROU, P. *La terre et l'homme en Extrême-Orient*. Paris, A. Colin, 1947.

<sup>153</sup> DEFFONTAINES, P. *El Mediterraneo: estudio de geografía humana*. Barcelona, Ed. Juventud, 1948.



como a agricultura do arroz exigia trabalho intensivo, ela deu origem à necessidade de dedicação, organização e disciplina, pois se tratava no dizer dos geógrafos de um cultivo de jardinagem.

A civilização chinesa, que já conta com cinco mil anos, nasceu da crescente sedentarização, acelerada depois de 8000 a.C., das populações das margens dos rios Amarelo e Azul. Anteriormente, como nas outras regiões do mundo, houve uma prolongada fase de comunismo tribal e de matriarcado, ainda com resquícios na China atual.<sup>154</sup> É importante assinalar que a agricultura do arroz obrigava todos os camponeses à responsabilidade pela irrigação das terras de cada aldeia (trabalho coletivo), mas os cultivos eram familiares, estimulando a pequena produção camponesa. Assim, muito cedo entre os chineses coexistiam claramente responsabilidades coletivas e responsabilidades familiares distintas, além de que o campesinato chinês não viveu sob regime de servidão, diferentemente do russo.

Antes de 2000 a.C. surgiram, em vários pontos distintos, elites governantes com o papel principal de construir pequenas obras regionais de engenharia de irrigação, ao mesmo tempo em que nasceram cidades amuralhadas, trocas comerciais e especializações artesanais (objetos de bronze e jade), após o desenvolvimento dos artesanatos camponeses de objetos de pedra (machados, pás, facas) e objetos cerâmicos (vasos, etc.). As aldeias camponesas eram fontes de mão-de-obra compulsória para os trabalhos de engenharia mais amplos, além de fontes de impostos que sustentavam as administrações nascentes. Pouco a pouco foi nascendo e se consolidando o modo de produção asiático: 1) encabeçado pela organização administrativa que estabelecia laços feudais com as aldeias camponesas, subordinadas por relações de vassalagem e 2) embasado nas numerosas comunidades aldeãs, com fortes estruturas igualitárias, origem de antigo e forte sentimento

---

<sup>154</sup> XINRAN. *As boas mulheres da China*. São Paulo, Cia. das Letras, 2003. Cap. 15.

democrático e de rebeldia diante das administrações incompetentes, como ocorreu ao longo de milênios.

Por volta de 2100 a.C. as organizações pré-dinásticas (de 5000 a 1700 a.C.) começaram a ceder lugar às chamadas dinastias antigas, Xia, Shang, Zhou e ao período das Primaveras e Outonos e ao período dos Reinos Combatentes, ainda durante os quais o rei do Estado de Qin partiu para encarniçadas lutas de conquista de numerosos estados rivais e concluiu a unificação da China, conferindo-lhe um sentido de nacionalidade (dinastia Qin: 207 a 221 a.C.). Portanto, deve-se insistir na idéia de que houve um longo período histórico de milênios para que culturas nascidas lentamente ao longo dos rios Amarelo e Azul, em Shaanxi e outros pontos desde 5000 a.C., dessem origem à civilização que permitiu o nascimento da nação chinesa, muito antes das nações européias nas suas transições feudalismo-capitalismo, a partir de uma visão histórica não-eurocêntrica.<sup>155</sup>

Nos seus primeiros tempos a civilização chinesa teve uma fase expansiva (2100 a 771 a.C.), seguida de um período descendente prolongado (770 a 221 a.C.), que antecedeu a unificação nacional acima referida. Na fase descendente, a metalurgia do bronze preexistente se difundiu rapidamente, sendo seguida, por volta de 1000 a.C., do nascimento da metalurgia do ferro, pioneira no mundo, e que ao ser adotada foi elevando a produtividade dos camponeses e aumentando o poderio militar. As monarquias se consolidaram, suas capitais administrativas fortificadas chegavam a alcançar 25 km<sup>2</sup>, seus maiores palácios 10 mil m<sup>2</sup>, as forças militares se tornaram permanentes, surgiu um sistema de leis e a escrita se consolidou.<sup>156</sup>

<sup>155</sup> AMIN, S. *Classe et Nation*. Paris, Ed. Minuit, 1979.

<sup>156</sup> BARRETO, C. e FERREIRA F<sup>o</sup>, J. M. *Org. Cinco mil anos de civilização chinesa*. São Paulo, Brasil Connets, 2003, p. 65.

O período descendente após 770 a.C. correspondeu à longa decadência da dinastia Zhou, aos seus erros, ao empobrecimento popular e à fragmentação de seu território por rivalidades militares internas, mas foi também um período de sofisticação do pensamento chinês, com o aparecimento do taoísmo e do confucionismo. Um século depois, de modo semelhante, os gregos, que não eram mais os gregos homéricos, despertavam as preocupações de Sócrates, Platão, Heródoto e seus teatrólogos.

As primeiras indagações do pensamento filosófico chinês referiram-se à totalidade que reunia a natureza e os homens, além das questões ligadas ao funcionamento do sistema social, seus acertos e seus defeitos. Por volta de 1100 a.C. foi escrito o famoso *Livro das Mutações*, difundido mais tarde por Confúcio, que o tinha em alta conta. Pela primeira vez foram sistematizados os princípios *yang* e *yin*, base de sutil dialética, tanto da natureza quanto do homem, com componentes ocultistas explorados por Jung na sua psicologia analítica. Anteriormente muitos pensadores se dedicaram à história dos reis e das dinastias, analisando suas experiências, o que permitiu mais tarde a um administrador público escrever em 845 a.C.: "*Um imperador sabe governar quando os poetas têm liberdade de fazer versos; os atores, de representar; os historiadores, de dizer a verdade; os pobres, de rosnar contra os impostos; os estudantes, de aprender suas lições em voz alta; os artesãos, de louvar a habilidade própria e procurar trabalho; o povo, de falar de tudo; e os velhos, de pôr defeitos em todas as coisas*".<sup>157</sup> Com tais refinados precedentes intelectuais, foi natural que os desafios colocados pela fase depressiva e de crise moral após 770 a.C. dessem origem a gênios do pensamento como Lao Tsé (604 a 521 a.C.) e Confúcio (551 a 479 a.C.).

Nascidos quase que simultaneamente, o taoísmo e o confucionismo tiveram origens comuns nos ensinamentos do

<sup>157</sup> DURANT, W. *História da civilização: nossa herança oriental*. São Paulo, Ed. Record, 1983, p. 215.



*Livro das Mutações* (yang e yin), mas passaram a disputar a alma chinesa desde os seus inícios até hoje. Os chineses devem ao taoísmo sua elevação de espírito, o sentido de relatividade e o desligamento das coisas, que falta frequentemente aos ocidentais. Daí decorre o amor à liberdade e ao pensamento, a paciência, a persistência nos trabalhos braçais e espirituais, a serenidade no infortúnio. Nos anos 50 do século XX o regime comunista recém-vitioso combatia vigorosamente o confucionismo, ao mesmo tempo em que tinha simpatias pelo taoísmo.<sup>158</sup> Entretanto, no período aberto com as reformas de Deng Xiaoping as simpatias passaram por certa inversão. Tendo sido contemporâneos, Confúcio conheceu Lao Tsé idoso e famoso e ambos refletiram sobre os graves problemas enfrentados pelos chineses, resultando em visões distintas, mas não excludentes. Num certo sentido é possível dizer o mesmo de Mao e Deng, que pensando a China e o mundo, inspirados no marxismo, assumiram visões diferentes, mas complementares.

A prolongada decadência da dinastia Zhou se refletiu de várias maneiras na sociedade. A desordem administrativa, política e moral provocou conflitos militares entre reinos e no interior deles e as comunidades rurais sofreram com os aumentos de impostos e as convocações de soldados e o conseqüente empobrecimento. Naquela época Lao Tsé havia sido curador da biblioteca real de Zhou, o que lhe permitiu testemunhar a decadência dos políticos da época, levando-o ao afastamento das funções públicas e ao auto-exílio no interior. Sob a influência do *Livro das Mutações* escreveu sobre o Tao, o caminho da natureza, como também o caminho da virtude, isto é da conduta humana. Lao Tsé viu a natureza como um conjunto indissociável, onde a água macia e fraca acaba vencendo a pedra, aparentemente forte, assim como a fêmea vence o macho, usando sua passividade, sua aparente fraqueza.

Tomado de simpatias pelos camponeses, Lao Tsé estabeleceu nítida distinção entre natureza e civilização, pregando

<sup>158</sup> BRÉMOND, R. *La sagesse chinoise selon le Tao*. Paris, Lib. Plon, 1955, p. 10.

uma volta à simplicidade e ao igualitarismo que existiu na Idade de Ouro, que precedeu as primeiras dinastias (comunismo primitivo). Valorizando o trabalho manual e criticando os intelectuais, como desligados da simplicidade e predispostos a impor uma geometria à sociedade, Lao Tsé era contrário aos avanços técnicos, mas sobretudo aos governos, suas legislações e seus aparatos burocráticos. Assim, o taoísmo valorizava a bondade e o desapego material, coincidindo com a ideologia camponesa espontânea (“*na vida basta um punhado de arroz e um chapéu*”), o que abriu caminho séculos depois, à penetração e difusão do budismo na China. Também ajudou a manter entre os chineses um latente espírito de liberdade e rebeldia, mas não se pode esquecer que o espírito taoísta pode soprar para onde se queira, inclusive para lados imprevistos, como ocorreu durante a “Revolução Cultural”.

Diante da desordem, do caos e das guerras civis da época, Lao Tsé pregou o afastamento, a negação e a rebeldia, enquanto Confúcio pregou o restabelecimento da ordem. Além de professor que formou muitos discípulos, trabalhou com sucesso em várias funções administrativas em sua província natal, como magistrado de distrito, superintendente de obras públicas e ministro de assuntos criminais. Desgostoso com seu superior acabou se afastando, dedicando seus últimos anos à produção intelectual. Confúcio escreveu ou organizou os *Cinco Ching*, ou livros canônicos, inclusive comentários e apêndices do *I Ching* (*Livro das Mutações*), assim como o *Shu Ching* (*Livro de História*). Posteriormente seus discípulos, inclusive Mêncio escreveram ou organizaram outros quatro livros, totalizando os chamados “nove clássicos”.<sup>159</sup>

Apesar das raízes comuns com o taoísmo, mais que no *Livro das Mutações* e na idéia dos fluxos da natureza, o confucionismo se inspirou na história chinesa, nos exemplos dos reis sábios pré-dinásticos, Yao (2350 a.C.) e Shun (2250

---

<sup>159</sup> GRANET, M. *O pensamento chinês*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997, Cap. XIII.



a.C.), que criaram regulamentações e doutrinas e foram considerados dirigentes modelos.

Confúcio não via uma bondade humana inata e discordando do taoísmo não acreditava que a maldade deveria ser retribuída com bondade. A bondade deveria ser recompensada com a bondade, conforme a regra da reciprocidade, mas a maldade deveria ser corrigida com a justiça. Confúcio valorizava a educação pelo exemplo dado pelos superiores e assim haveria um *“bom governo quando o príncipe é príncipe e o ministro é ministro, quando o pai é pai e o filho é filho”*. Mas não se tratava de simples obediência, pois acima dela existia o princípio moral que autorizava a resistência à ordem injusta (uma das raízes da doutrina de Mêncio sobre o divino direito de revolução). A propósito da perda de legitimidade da dinastia Shang (1600 a 1100 a.C.), Confúcio se expressou sobre as condições de um bom governo: seus requisitos seriam a abundância de alimentos, poder militar suficiente e confiança do povo.

Caso a adversidade exigisse sacrifícios, a primeira condição a cair deveria ser o poder militar e a segunda *“os alimentos, pois a morte está no destino do homem, mas se o povo perde a fé em seus chefes, não haverá salvação”*. Avesso à metafísica e nitidamente agnóstico, Confúcio julgava desnecessário entender as forças do céu e o reino dos espíritos, mas era necessário conhecer os problemas deste mundo, sem deixar de render as devidas homenagens a memória dos ancestrais falecidos, idéia e prática tão forte entre os chineses antigos quanto entre os chineses atuais.<sup>160</sup>

Resumindo, é possível dizer que tanto Lao Tsé quanto Confúcio analisaram a crise social da época a partir de uma base dialética comum (*Livro das Mutações*) e da história chinesa, como na admissão de uma Idade de Ouro. Ambos desenvolveram fortes visões éticas, apesar das diferenças.

---

<sup>160</sup> GRANET, M. *O pensamento chinês*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997, cap. XI.

Enquanto Lao Tsé mostrou-se decepcionado com a época e propunha um retorno à natureza, valorizando o camponês e granjeando simpatias entre os intelectuais rebeldes, Confúcio queria regenerar toda a sociedade e sua proposta abrangente ia da família camponesa à corte imperial. Assim, ao longo do tempo, foi a filosofia mais influente entre os chineses. Com propostas éticas tão fortes como as de Sócrates, Lao Tsé e Confúcio continuam vivos no horizonte espiritual chinês, certamente mais do que Sócrates na civilização ocidental.

Mesmo com o grande avanço do pensamento chinês acima referido, as lutas intermináveis do período iniciado em 770 a.C. continuaram, assim como as divergências intelectuais. O confucionismo foi adquirindo grande força na luta ideológica. Assim sendo, Mêncio (372 a 289 a.C.), que teve experiência administrativa como o mestre, contrariando alguns dizia que *"o governo deveria permanecer nas mãos dos homens educados"* e que o rei que se tornasse nocivo ao bem-estar do povo perderia o *"mandato do céu"* e deveria ser deposto, apoiado em exemplos históricos. Entretanto, outras correntes se multiplicavam: 1) Mo Ti (479 a 381 a.C.), da mesma província de Confúcio, teve seus adeptos ao propor a idéia de amor e pacifismo, naturalmente criticado por Mêncio, 2) Chuang Tsé (369 a 286 a.C.), como seu mestre Lao Tsé, valorizava a vida rural e propunha distância das funções administrativas, 3) Hsu Hsing defendia a ditadura popular, que deveria impor o trabalho manual aos magistrados, 4) Yang Chu (390 a.C.) exaltava a vida epicurista e a idéia de cada um por si, justificando a maldade, 5) Chu Ping (350 a.C.), após ocupar altos cargos foi demitido injustamente, retirou-se para o campo e preferiu o suicídio ao carreirismo, deixando um exemplo reverenciado até hoje e 6) Li Ssu, entre os legalistas, propôs um vigoroso poder central, com leis rígidas substituindo a administração baseada nas pessoas e nos costumes.

Além das reflexões filosóficas acima apontadas é desta época a obra-prima da estratégia e tática militares,<sup>161</sup> que se

<sup>161</sup> SUN, Tzu. *A Arte da guerra*. Porto Alegre, L&PM, 2000.



apoiou em larga experiência de lutas, mas também nos princípios do Tao, do *yin-yang* e do confucionismo (Mêncio). O autor lembrou que os generais antigos eram antes de militares, homens sábios: “*entre eles a leitura e o estudo precediam a guerra e os preparavam para ela*” (Cap. VIII). Sua leitura foi útil para as lutas de unificação nacional, que ocorreram logo depois (230 a 221 a.C.), como também para os outros chefes militares posteriores, como Mao Tsé-tung, entre outros.

No período dos Reinos Combatentes (473 a 221 a.C.) os conflitos militares entre os numerosos estados, dos quais oito eram considerados grandes, se agravaram e se tornaram constantes e destrutivos, o que explica a indignação pacifista de Mo Ti, mas também a urgência de se encontrar um caminho de superação do caos e da desordem reinantes. A saída foi uma encarnizada incorporação militar de todos os territórios, vale dizer a unificação e o nascimento da China como nação, sob a liderança de Shi Huangti, primeiro imperador, fundador da dinastia Qin (221 a 207 a.C.). A unificação dos treze estados, grandes e pequenos, que se hostilizavam e se esgotavam inutilmente, teve um papel revolucionário na história chinesa, mesmo que o território do império nascente, abrangendo tão-somente o baixo e o médio cursos do Amarelo e Azul fosse pequeno em relação ao que seria mais tarde, na dinastia Han (206 a.C. a 220 d.C.) e seguintes.<sup>162</sup>

No plano imediato, a unificação do poder significou a retomada das obras da Grande Muralha com mais de 2.400 km construídos durante dez anos, mobilizando trabalho compulsório de centenas de milhões de homens. “*Essa muralha foi a ruína de uma geração e a salvação de muitas*” dizem os chineses, pois reduziram os ataques dos pastores nômades da Mongólia, assolados por secas prolongadas, e desviados para o Ocidente, tendo mais tarde contribuído para a queda do Império Romano. O imperador mandou os legalistas elaborar

---

<sup>162</sup> HERRMANN, A. *Historical and Commercial Atlas of China*. Cambridge (Mass.), 1935.



nova legislação alcançando a nação toda, assim como o confucionismo sofreu grandes perseguições. A hierarquia administrativa nobre foi substituída por funcionários nomeados. As províncias passaram a ser administradas por três altos funcionários imperiais: um administrador civil, um governador militar e um superintendente de controle.<sup>163</sup> Grandes estradas unificaram o território, foi criada a moeda única, assim como a propriedade camponesa foi reforçada. Os conflitos que envolveram a unificação foram tão grandes que a dinastia Qin durou pouco, como aconteceu freqüentemente na história da humanidade (Cromwell e Napoleão no Ocidente, por exemplo). Shi Huangti preparou para si um mausoléu grandioso, recentemente descoberto em Xian. Pela audácia e grandiosidade de sua obra, foi a figura histórica chinesa mais admirada por Mao Tsé-tung.<sup>164</sup>

Com a unificação nacional, a escala das iniciativas se ampliou enormemente. Deve ser assinalado que no período dos Reinos Combatentes pequenos estados chineses construíram fortificações entre suas fronteiras, uns em relação aos outros, como mostram os mapas organizados por A. Herrmann sobre a China em 350 a.C.<sup>165</sup> O império uniu pela primeira vez toda a etnia han, até então dividida, equivalente mesmo hoje a mais de 90% da população chinesa, abrindo então a possibilidade da sua expansão geográfica para várias direções, sobretudo para o sul do Yang Tsé (o mesmo aconteceu com a etnia quechua no império Inca). A expansão dos han limitou naturalmente o território de minorias étnicas, como os zhuang, os hakka e outras. Por volta de 289 a.C. os chineses eram 14 milhões e em 200 d.C. já alcançavam 28 milhões, em parte graças à expansão geográfica acima referida, com a vantagem da homogeneidade étnica, que aumentou a coesão nacional, o que não aconteceu na Índia.

<sup>163</sup> GRANET, M. *La civilisation chinoise*. Paris, La Renaissance du Livre, 1929.

<sup>164</sup> LI, Zhisui. *A vida privada do camarada Mao*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

<sup>165</sup> HERRMANN, A. *Historical and Commercial Atlas of China*. Cambridge (Mass.), 1935.

A dinastia Han (206 a.C. a 220 d.C.), de longa duração, completou a obra de unificação e fortalecimento do Império recém-fundado, cuja base foi um sólido modo de produção asiático, que só entrou em crise terminal após a sucessão de várias dinastias, com a política de destruição dirigida pela Inglaterra industrial no século XIX, de fora para dentro.

Assim, a China viveu fase de grande prosperidade no período Han. A reforma agrária imposta por Shi Huangti, anteriormente referida, estimulou a produção camponesa, que contou com a crescente difusão do arado de ferro e do carro de boi, além de aperfeiçoadas técnicas de irrigação. A dinastia Han, adotando normas confucianas, implantou os exames públicos obrigatórios, visando constituir um corpo administrativo nacional, o que o Ocidente adotou há poucos séculos atrás, e flexibilizou a estrutura do poder imperial centralizado que havia herdado. Ampliou através de alianças, a zona de influência da China, tornando possível e segura a Rota da Seda de caravanas através da Ásia Central, passando por Bagdá e alcançando Alexandria, então parte do Império Romano. A capital do Império chinês chegou a ter 240 mil habitantes, três vezes mais do que Roma.<sup>166</sup> Aliás, duas grandes invenções chinesas datam deste período: o papel e a porcelana. A dinastia Han, nos seus 400 anos de duração, consolidou o Império. As invasões que ocorreram nesta época, posteriormente foram absorvidas, diferentemente do que aconteceu com outros impérios, inclusive o romano.

Entretanto, a fase final da dinastia Han, como aconteceu antes e depois com outras dinastias prolongadas, foi marcada pela perda de vitalidade e dinamismo, quando passaram a ocorrer guerras civis, invasões estrangeiras e fragmentações territoriais. É possível dizer que as dinastias chinesas, em geral, apresentaram fase inicial dinâmica e depois fase final decadente, seguida de colapso, como um movimento natural do modo de produção asiático. Na dinastia Han e nas seguintes (Tang, Song, etc.) a

---

<sup>166</sup> REID S. *As rotas da seda e das especiarias*. Lisboa, Ed. Estampa-Unesco, 1993. p. 8-9.



fase inicial de riqueza popular permitiu divisão social do trabalho na base da sociedade, pois a crescente renda dos camponeses garantiu a expansão de uma sólida pequena produção mercantil, o aparecimento de artesãos e comerciantes de cereais e de artesanatos, etc. Foi da massa de camponeses abastados que nasceram os artesãos e comerciantes que acabaram implantando manufaturas urbanas, empregando filhos de camponeses pobres. A riqueza camponesa aumentava o fluxo de impostos carreado pelo Estado, beneficiando os altos funcionários no consumo de produtos artesanais de luxo, etc.

Com o tempo o poder imperial adquiria caráter parasitário, aumentando os impostos sem aplicá-los em obras públicas, dando início ao período de empobrecimento popular (mais impostos e abandono das infra-estruturas coletivas), que obrigava muitos camponeses a vender suas terras e às vezes seus filhos (origem da escravidão conjuntural e doméstica), reduzindo-se à condição de arrendatários. Assim, parte das terras camponesas era adquirida pelos altos funcionários públicos, pelos comerciantes e mesmo pelos camponeses ricos, localizando-se, em geral, nos arredores das cidades.<sup>167</sup> A desgraça que se abatia sobre os camponeses acabava se estendendo à natureza, com a aceleração dos desmatamentos, em decorrência do empobrecimento que os atingia e do conseqüente superpovoamento. Nestas fases finais das dinastias, os conflitos sociais se multiplicavam no campo, não tanto como rebeliões dos arrendatários frente a seus senhores, mas na maior parte dos casos em conseqüência dos impostos escorchantes, que colocavam em posições opostas camponeses e a administração pública, conforme a interpretação de Qin Hui,<sup>168</sup> que também lembrou o pioneirismo dos trotskistas chineses no referido tema, no início da década de 1930, com a obra *História das rebeliões camponesas na China*.

<sup>167</sup> MOORE Jr., B. *As origens sociais da ditadura e da democracia*. Lisboa, Ed Cosmos, 1983, p. 213.

<sup>168</sup> QIN, Hui. *A divisão do patrimônio da grande família*, in E. Sader: *Contragolpes*. São Paulo, Boitempo, 2006, p. 85.

Assim sendo, vale destacar que se desenvolveu na China imperial uma política de intervenção do Estado no domínio econômico nos inícios de cada longa dinastia, visando corrigir as distorções da fase final das dinastias decadentes, com: 1) intensificação dos laços imperiais unindo as diferentes províncias; 2) reestruturação do sistema de abastecimento de cereais, com os depósitos públicos, o fornecimento de sementes, etc.; 3) reforçamento dos monopólios estatais (sal, mineração, etc.) e sobretudo 4) distribuição mais igualitária das terras cultiváveis, o que garantia estabilidade econômica prolongada. Com tais características foi possível falar de políticas econômicas com fortes traços de socialismo de Estado, acompanhadas de estímulo às atividades econômicas privadas.<sup>169</sup>

Os pólos componentes do modo de produção asiático, isto é, a administração pública e as comunidades camponesas, se opunham e se completavam. Na dialética das relações de produção e forças produtivas, quando a administração estrangulava a agricultura nas fases finais das dinastias, ocorria sob pressão de baixo para cima uma ruptura, pois a dinastia cadente havia perdido o “mandato do céu”, conforme as lições de Mêncio, dando lugar a uma dinastia regenerada.

Pelo que foi exposto, fica afastada a idéia de raiz eurocêntrica, referente à imutabilidade ou à inércia do modo de produção asiático, base estrutural do Império chinês. As forças produtivas, como já foi assinalado, se expandiram fortemente em vários períodos muito mais do que no Ocidente até o Renascimento pelo menos, não tendo sido impedidas pelas relações de produção asiáticas. Assim sendo, somente com a primeira revolução industrial, a Europa passou a ter densidades demográficas semelhantes às da Ásia de base agrícola, pois de longa data a rizicultura chinesa passou a colher de duas a três safras anuais.

---

<sup>169</sup> CIOLI, L. *Histoire économique, depuis l'antiquité jusqu'à nos jours*. Paris, Payot, 1938, p. 138.



Por outro lado, a idéia de Max Weber sobre o papel da ética protestante na gênese do capitalismo, inspirada em Marx, que não recebeu os devidos créditos, também tem uma dose de eurocentrismo, já que a ética do trabalho é antes de tudo intrínseca à pequena produção mercantil, seja germânica, latina, árabe, hindu, chinesa, etc. Como nas diversas civilizações, a divisão social do trabalho na China foi impulsionada pela pequena produção em expansão, que deu origem aos comércios e artesanatos urbanos, por sua vez desdobrados em incontáveis manufaturas, de diferentes produtos, “*reunindo, 10, 15, 20 e até 40 empregados, cujos donos assumiam ares importantes*”.<sup>170</sup> As manufaturas chinesas organizavam-se em corporações, que regulavam a produção, limitavam a concorrência, ditavam salários, horas de serviço e preços dos produtos. Tais práticas tinham como consequência retardar a introdução de invenções, como aconteceu com a manufatura capitalista, que foi um sistema de pouquíssimas inovações técnicas durante dois séculos (XVI e XVII), como assinalou P. Sweezy.<sup>171</sup> Aliás, uma das grandes surpresas da civilização chinesa foi sua grande fertilidade inventiva tanto nas práticas agrícolas dos camponeses como nos grandes inventos, mesmo com lentidão nas aplicações (bússola, imprensa, pólvora, etc.) e o papel secundário da ciência no seu mundo intelectual.<sup>172</sup>

Apesar das taxações, o comércio interprovincial se expandiu, bem como o comércio à grande distância (seda, chá, especiarias), por trajetos continentais e marítimos, e assim foi se gestando e crescendo uma classe importante de comerciantes, malvistas pelo povo, conforme o provérbio “*ladrões por atacado abriram um banco*”.<sup>173</sup> Os ricos comerciantes

<sup>170</sup> POLO, Marco. *Travels*. N. York, Ed. Manuel Komroff, 1926, p. 236.

<sup>171</sup> SWEEZY, P. K. *Marx e a revolução industrial*, in P. Sweezy: *Capitalismo moderno*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

<sup>172</sup> NEEDHAM, J. *Science and civilization in China*, vol. 1, Cambridge, 1945.

<sup>173</sup> DURANT, W. *História da civilização: nossa herança oriental*. São Paulo, Ed. Record, 1983, p. 317.



podiam adquirir terras camponesas na periferia das cidades, encaminhar seus filhos aos exames para a administração pública e ampliar seus negócios. Com os avanços do colonialismo estrangeiro sobre o Império Chinês no século XIX, milhares deles migraram para as cidades da Ásia do Sudeste, Hanói, Saigon, Cingapura, Manila, Jacarta, etc. onde passavam a assumir destacada posição comercial.

Entretanto, na sociedade chinesa tradicional os comerciantes ocupavam *status* inferior, pois conforme se dizia, eles não produziam, apenas trocavam, com lucro para si, o produto do trabalho dos outros homens. Na China imperial os sábios, os professores e os funcionários eram os mais prestigiados e os camponeses vinham em segundo lugar, uma consideração compatível com a lógica do modo de produção asiático. Os artistas e artesãos ocupavam o terceiro escalão e os comerciantes, o quarto.

Tornou-se clássica a observação de Marx sobre o papel da política na estruturação do escravismo greco-romano, assim como da religião católica como fator estruturante do feudalismo medieval e que apenas no capitalismo o elo de ligação interno do modo de produção passara a ser a economia. Pois no caso chinês é possível dizer que sua especificidade esteve e está na importância decisiva da filosofia, como o grande fator estruturante e civilizatório e isto desde milênios. Apesar das numerosas correntes filosóficas, as duas maiores escolas de pensamento, o taoísmo e o confucionismo datam do VI e V séculos a.C. e mantiveram vitalidade até os dias de hoje, numa continuidade inimaginável no Ocidente. Desde a dinastia Han o confucionismo se tornou hegemônico no trato das coisas públicas, responsável pela “política filosófica” praticada na China, como M. Vieira de Mello propunha para o Ocidente atual.<sup>174</sup> Mesmo eclipsado de tempos em tempos, o confucionismo se revigorava nos períodos de prosperidade como

---

<sup>174</sup> VIEIRA de Mello, M. *O cidadão, ensaio de política filosófica*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1994, pp. 13-76.

nas dinastias Tang (618 a 907 d.C.), época de ouro das artes e literatura, e Song (906 a 1279 d.C.), quando se refinou o ideal do homem universal, que combinava qualidades de estudioso, poeta, artista e estadista.<sup>175</sup>

É importante lembrar que na China as filosofias taoísta e confuciana absorveram as religiões animistas primitivas e educaram os dirigentes e o povo a uma convivência interpessoal, social e com as populações vizinhas (os “bárbaros”), que fosse tolerante e evitasse atritos inúteis. Assim, a civilização chinesa se expandiu para a Coreia, o Japão, o Vietnã e outros territórios vizinhos não por meios militares, mas por relações comerciais e de alianças políticas frouxas (protetorados), sendo que as dinastias não-chinesas (mongol e manchu) foram as mais beligerantes, como nos casos do Tibet e do Sinkiang.

Os chineses, ao longo dos séculos, foram incorporando e não rejeitando suas idéias primitivas, como no caso dos doze animais que compõem seu zodíaco (rato, boi, tigre, lebre, dragão, etc.) ou na idéia básica de ligação do Céu e da Terra como duas metades da grande unidade cósmica, como homem e mulher, senhor e vassalo, yin e yang ou o importante culto aos antepassados, muito valorizado pelo confucionismo. Pela força do taoísmo, igualmente incorporaram o budismo, durante o período convulsivo que se seguiu à dinastia Han, mas sem aceitar a idéia de reencarnação de Buda, por ser excessivamente religiosa. As idéias filosóficas e religiosas nunca se repeliram umas às outras e em regra geral o chinês tornou-se ao mesmo tempo animista, taoísta, budista e confucionista.

É possível dizer que das grandes civilizações da humanidade, a chinesa é certamente a de menor vinculação com idéias religiosas, provavelmente a menos belicosa e talvez aquela que tenha bases filosóficas mais sólidas. Estas características

---

<sup>175</sup> BARRETO, C. e FERREIRA F<sup>o</sup>, J. M. Org. *Cinco mil anos de civilização chinesa*. São Paulo, Brasil Connets, 2003, p. 153.



despertaram a atenção e a admiração de importantes pensadores do Iluminismo europeu, sobretudo filósofos, desde Leibniz, que promoveu a fundação de sociedades de estudos chineses em Berlim e Moscou, até Tolstoi, passando por Voltaire, Rousseau e Goethe, que se encantaram com a filosofia chinesa, o taoísmo ou o confucionismo, com ênfase na problemática ética e moral.<sup>176,177</sup> Ao mesmo tempo, provavelmente de maneira eurocêntrica, Montesquieu lamentava a falta de democracia na China.

### 3 O imperialismo, as humilhações e os “negócios da China”

Entretanto, na mesma época em que a China era admirada por inúmeros filósofos europeus, ela era crescentemente assediada pelo comércio e pelas missões religiosas européias. Tanto a China como o Japão, tomando o exemplo das ações européias na Índia, decretaram medidas proibindo a presença de europeus, até que a revolução industrial inglesa tornou inócuas as proibições, a partir do uso da força militar na China (1839-42) e no Japão (1853-54), visando “normalizar” o comércio. É verdade que naquele momento a dinastia manchú na China, assim como o xogunato Tokugawa no Japão, estavam em decadência, mas a precedência da invasão estrangeira na China alertou o Japão, onde a facção nacionalista dos senhores feudais conseguiu interromper o processo de colonização, com a vitória da Inovação Meiji (1868), que implantou um Estado capitalista, ponto de partida de relações econômico-sociais capitalistas, até então inexistentes.<sup>178</sup> Na China, para sua desgraça, o domínio estrangeiro durou um século e só foi encerrado com a vitória da revolução liderada por Mao Tsé-tung em 1949.

<sup>176</sup> GRANET, M. *La civilisation chinoise*. Paris, La Renaissance du Livre, 1929.

<sup>177</sup> GRANET, M. *O pensamento chinês*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997, cap. XI.

<sup>178</sup> OKABE, H. Algumas reflexões sobre a formação do capitalismo japonês, *Argumento* nº 3, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974, pp. 51-63.

Neste século de domínio estrangeiro, o destino da China escapou de seu próprio controle e foi passando para as mãos dos ingleses no início e depois o esquiteamento territorial se ampliou para outras potências, com crescentes humilhações para os chineses. Ao longo do período, a ação estrangeira se manifestou de várias maneiras, mas sobretudo pela exploração econômica e pelo uso da força militar sempre que necessário. Logo no início, além da concessão de Hong Kong, outros portos foram abertos ao comércio exterior e os estrangeiros adquiriram o direito de extraterritorialidade, tornando a China cada vez mais uma semicolônia. A abertura comercial criou uma classe de comerciantes chineses de import-export, a chamada “burguesia compradora”, até então inexistente, subordinada e aliada à indústria ocidental. Por intermédio deles, por exemplo, a Standard Oil (Grupo Rockefeller), introduziu na China rural e urbana milhões de lâmpões, para escoar sua produção de querosene de iluminação, substituindo o artesanato e o combustível chineses. É verdade que a Fundação Rockefeller não se esqueceu de tomar iniciativas “beneméritas”, como a abertura de escolas de medicina, hospitais, etc.<sup>179</sup>

Após as guerras do ópio (1839-42), além das concessões econômicas, a Inglaterra impôs pesadas indenizações, abrindo caminho, em seguida, à penetração norte-americana e francesa. Os conflitos e as indenizações mal haviam começado. A renda imperial chinesa no final do século XIX alcançava US\$ 75 milhões por ano, somada às rendas de US\$ 175 milhões para propósitos locais, ambas necessárias ao gasto público normal, enquanto a vitória militar do Japão (1895) custou à China US\$ 150 milhões e a perda de Taiwan, assim como o consórcio de aliados imperialistas cobrou US\$ 300 milhões, após o esmagamento da rebelião Boxer em 1901. Tudo isto dava uma idéia do colapso financeiro que foi sendo imposto à China.<sup>180</sup> Assim sendo, por mais que os reformistas confucianos da alta

<sup>179</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 371.

<sup>180</sup> DURANT, W. *História da civilização: nossa herança oriental*. São Paulo, Ed. Record, 1983, cap. 27.



administração manchu se preocupassem com o chamado "autofortalecimento" da China, elaborando a idéia de que a sabedoria chinesa deveria continuar sendo a essência, mas o conhecimento ocidental deveria ser usado para o desenvolvimento prático (na fórmula abreviada *ti-yong*, isto é "essência" e "uso prático"), resultando em iniciativas econômicas (mineração, siderurgia, estradas-de-ferro) e modernização militar, os empréstimos estrangeiros necessários se chocavam com a inviabilidade financeira acima referida e o futuro da China dependia de rupturas mais radicais, propostas inicialmente por Sun Yat-sen e depois pelo PCCh, sobretudo por Mao Tsé-tung.

As rebeliões contrárias à dinastia manchu, do Lótus Branco nos fins do século XVIII e início do século XIX, dos taiping (1850-1864), dos nians (1851-1868) e dos boxers (1898-1901), foram adquirindo gradativamente uma postura nacionalista, mas tiveram participação camponesa dominante. Entretanto, e curiosamente, o maior líder nacionalista da China moderna, Sun Yat-sen, fundador da República, e o PCCh, nos seus inícios, não deram maior importância aos camponeses, com exceção de Mao Tsé-tung, que por isto mesmo acabou liderando a Revolução Chinesa e fundando a República Popular da China. Sun Yat-sen surgiu como político na época da II Internacional, enquanto o PCCh e Mao Tsé-tung surgiram, em grande parte, como frutos da III Internacional, proposta por Lenin e pela nascente URSS. A II Internacional não apostava nos países coloniais e sim na revolução nos países europeus, seguindo preguiçosamente a tradição de Marx e Engels, que, aliás, vislumbravam precocemente o potencial revolucionário da China. Lenin foi o primeiro a perceber a mudança do eixo da revolução para o lado das colônias e semicolônias e que teria duas faces, uma antiimperialista e outra antifeudal.<sup>181</sup>

---

<sup>181</sup> LENIN, W. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. Rio de Janeiro, Ed. Vitória, 1947.



Sun Yat-sen (1866-1925) fez parte da grande leva de filhos de camponeses do extremo-sul da China, que na segunda metade do século XIX emigraram, como seus parentes que participavam da corrida do ouro na Califórnia e seu irmão mais velho que se estabeleceu no Havaí, para onde o atraiu adolescente. Lá foi educado em escola anglicana e se converteu ao cristianismo, às idéias democráticas e republicanas ocidentais. Em Hong Kong formou-se no British Medical College, mas teve seu exercício profissional em medicina limitado pelos ingleses, na tradicional prática de inferiorizações. Após a humilhante derrota chinesa frente ao Japão (1894-95), passou a se dedicar à sua incansável campanha política de derrubada da dinastia manchú e de democracia ocidental, e assim foi ganhando prestígio. Entretanto, à maneira chinesa, procurou organizar sociedades secretas e levantar dinheiro junto à burguesia pequena ou grande, no continente e no além-mar, como Charlie Soong, convertido ao cristianismo como ele e de quem se tornou genro.<sup>182</sup>

O movimento de Sun Yat-sen, nitidamente nacionalista e progressista, nas condições vigentes na China nos inícios do século XX se transformou na grande esperança da pequena e da grande burguesia chinesas, que constituíam suas alas esquerda e direita, respectivamente. Mas a realidade chinesa era mais complicada e por isto após a queda da dinastia manchú, Sun não teve forças suficientes para assumir o poder, que ficou nas mãos dos chefes militares ligados à antiga dinastia, num processo de fragmentação regional que se repetiu mais uma vez na história da China.

Assim sendo, a situação na China tornou-se ainda mais grave, pois ao lado da questão camponesa, que não parava de se agravar, o domínio imperialista aumentava mais e mais e os dois problemas se intensificavam pela ruína crescente da administração pública, agora exercida pelos chefes militares regionais. Repetiram-se, em proporções muito maiores, os períodos críticos e de desagregação que a China havia vivido

<sup>182</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 232.

ao longo da sua história milenar: dos Reinos Combatentes (471-221 a.C.), da Desunião (220 a.C.-589 d.C), das Cinco Dinastias (907-960 d.C.), etc. que haviam sido superados por sangrentas lutas unificadoras e regeneradoras, como nas dinastias Qin (221-207 a.C.), acima referida, Sui (581-617 d.C.) e outras.<sup>183</sup>

A decadência da dinastia manchu, como havia acontecido com a dinastia Zhou dois mil anos antes, abriu um período altamente perigoso para toda a sociedade chinesa, mas altamente estimulante para sua intelectualidade. Traduções e debates de obras científicas, filosóficas e literárias ocidentais se multiplicaram, assim como visitas de intelectuais como Bertrand Russel, Albert Einstein, R. Tagore e muitos outros. A eclosão da primeira guerra mundial acelerou o processo de transformações intelectuais e políticas, que já estava em curso na China e desembocou no primeiro impulso da revolução chinesa, que se manifestou na aliança Kuomintang-PCCh (1923-27), sob os auspícios da Internacional Comunista. Mais tarde a invasão japonesa à China provocou novo impulso revolucionário e levou à segunda aliança Kuomintang-PCCh (1937-45), desta vez sob decisão política de Mao Tsé-tung. Em resumo, a I Guerra Mundial e a invasão japonesa à China foram dois divisores de água e dois acontecimentos fundamentais ao recrudescimento do processo revolucionário chinês. Entre os dois acontecimentos o marxismo foi introduzido na China, o PCCh teve sua gênese, logo depois se tornou maduro e independente, e assim passou a dirigir os destinos da nação.<sup>184</sup>

#### 4 O marxismo ajuda a China a reencontrar o seu caminho

A conjuntura da I Guerra Mundial foi importantíssima na história chinesa, com 1) o avanço da sua industrialização e

<sup>183</sup> BARRETO, C. e FERREIRA Fº, J. M. Org. *Cinco mil anos de civilização chinesa*. São Paulo, Brasil Connets, 2003.

<sup>184</sup> MAO Tsé-tung. *Obras escolhidas*, vol. 3, São Paulo, Ed. Expressão Popular, 1979, pp. 315-429.



depois sua perda de velocidade; 2) a contribuição chinesa à guerra na Europa, fornecendo 100 mil coolies aos campos de batalha na França; 3) a traição do Tratado de Versalhes, entregando território chinês ao Japão, em conluio com autoridades chinesas corrompidas e 4) a vitória da revolução soviética na Rússia e sua enorme repercussão mundial, sobretudo na Ásia.

Como na Índia e em outros países da periferia capitalista, a indústria moderna nasceu na China nas últimas décadas do século XIX, sob estímulos do período depressivo do ciclo longo da acumulação europeia, tendo tido um grande impulso durante a I Guerra Mundial, aumentando o número de estabelecimentos, de operários e da produção. Semelhante à Rússia de fins do século XIX, desde o início os financiamentos eram em maioria estrangeiros, sob forma de empréstimos ou de investimentos diretos, criando-se uma aliança entre os capitais financeiros europeus, norte-americanos e japoneses (europeus no caso da Rússia) e as empresas chinesas, governamentais ou privadas.

Uma das iniciativas da política de autofortalecimento chinês dirigida pela dinastia manchú, no final do século XIX, a siderurgia Wuhan, incluindo mineração de ferro e carvão, empregava 23 mil trabalhadores no final da I Guerra Mundial. No conjunto da China, a extração de 5,7 milhões de toneladas de carvão em 1913 saltou para 12,8 milhões em 1919, assim como a extração de 460 mil toneladas de minério de ferro em 1913 passou para 1,35 milhão em 1919. A participação estrangeira em minas de carvão que havia sido de 90% em 1914, caiu em 1922, mas ainda era de 78%. Quanto às linhas ferroviárias, entre 1912 e 1920 mais 1.600 km construídos elevaram o total para 11 mil km, acréscimo de quase 20%, controladas ou financiadas ou capitais estrangeiros. Por outro lado, nas grandes cidades expandiu-se a indústria leve e no caso de Xangai os estabelecimentos têxteis de algodão empregavam 100 mil operários, em maioria mão-de-obra

feminina, 60% em empresas chinesas e 40% em empresas japonesas e inglesas. Enquanto em 1913 havia cerca de 700 fábricas de chineses usando energia mecânica, empregando cerca de 270 mil operários, em 1920 já havia mais de 500 mil trabalhadores empregados em 1.700 fábricas.<sup>185</sup>

Entretanto, o dinamismo industrial manifestado pela China não teve seqüência nos anos 20, como discutiremos depois, mas enquanto durou teve grande efeito na mobilização dos trabalhadores urbanos. Quando se revelaram os termos da traição que a China sofreu na conferência de Versalhes em 1919, com a perda da província de Shandong para o Japão, os estudantes de Pequim saíram em manifestações, no chamado Movimento Quatro de Maio, com repercussões em todo o país. Em Xangai, por exemplo, 60 mil trabalhadores paralisaram o trabalho. O movimento sindical chinês teve forte impulso e as greves se multiplicaram. Assim, a ala esquerda do Kuomintang, antes que o PCCh se fortalecesse, liderou no início de 1922 quase 30 mil marinheiros e estivadores em Cantão e Hong Kong, que receberam a adesão de outros trabalhadores, totalizando 120 mil grevistas.<sup>186</sup>

A revolução soviética foi o principal catalisador das mudanças políticas acima apontadas, tanto para o nascimento do PCCh, como para a impulsão do Kuomintang, que funcionava, até então, em ritmo lento. Sun Yat-sen, que havia sido obrigado a se exilar no Japão (1913-1916), voltara à China e o jornal de seu partido em Xangai havia sido o primeiro a saudar a vitória bolchevique, em janeiro de 1918. Ele próprio, logo depois, enviou a Lenin mensagem de congratulações, passando a assumir novo ânimo político. Pensando em criar uma força militar para recuperar o poder que lhe havia sido usurpado pelos militares e diante da recusa de apoio da

<sup>185</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, pp. 293 e 318.

<sup>186</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 325.



Alemanha, se voltou para a Rússia revolucionária, que passou a agir em dois sentidos: estimular o nascimento do PCCh e apoiar as pretensões do Kuomintang.

Mas, na verdade, a Rússia soviética pela via diplomática e por intermédio da IC, consciente ou inconscientemente, favoreceu muito mais o Kuomintang do que o nascente PCCh, tendo sido responsável por grande parte do desastre de Xangai de 1927, quando Chiang Kai-shek assumiu de maneira sanguinária a liderança da contra-revolução, dando início ao “terror branco” ininterrupto nas cidades chinesas, com milhares de vítimas durante muitos anos. Diante da enorme destruição sofrida, como explicar a ressurreição do Partido comunista, ainda pouco experiente, e sua transformação no “Moderno príncipe”, de que nos falou A. Gramsci?<sup>187</sup>

Uma das razões da subestimação do nascente PCCh pela IC soviética decorreu das dimensões muito modestas nos seus primeiros anos. Mas também do desconhecimento da realidade chinesa e certamente de sua arrogância política, impondo caminhos sem conhecê-los, decorrente da vitória revolucionária na Rússia, incluindo a defesa de seus interesses (fronteira no Oriente), acima da tarefa de fomentar a revolução mundial. Aliás, para a IC, o destino da Alemanha e da Europa naqueles anos era mais importante do que o destino da China e da Ásia.

As idéias européias chegaram com muito atraso à China e além disto o marxismo foi antecedido pelo darwinismo social de J. Spencer, que lhe é posterior. Diante da derrota frente ao Japão (1895), que provocou forte impacto entre os chineses, as idéias do darwinismo social introduzidas no ano seguinte, foram adaptadas na China a uma visão nacionalista, de crítica aos manchus e as potências estrangeiras: “uma nação com espírito sobreviverá, mas sem espírito desaparecerá”. Sun Yat-sen, que não simpatizava com a idéia de “sobrevivência do mais apto”, reconheceu com tristeza, após o fracasso das

<sup>187</sup> GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989, cap. I.



tentativas de democracia (1913), a existência de um mundo dominado pelas lutas de sobrevivência, envolvendo governos, empresas, etc. Yan Fu (1854-1921), intelectual chinês que havia estudado na Inglaterra e introduzido o debate sobre darwinismo social foi enfático na sua decepção com a Europa da I Guerra Mundial: “300 anos de progresso evolucionista acabaram em nada mais que quatro palavras: egoísmo, carnificina, cinismo e corrupção”.<sup>188</sup> Estas palavras refletiam o raciocínio de muitos intelectuais chineses e assim sendo a revolução soviética abriu caminho para o rápido avanço das idéias marxistas e de revolução socialista.

A idéia de que “uma nação com espírito sobreviverá, mas sem espírito desaparecerá” desafiou os intelectuais chineses desde pelo menos os reformadores confucianos do final do século XIX, que propunham a fórmula ti-yong (essência e uso prático); passando por Sun Yat-sen e seus “Três princípios do povo” (nacionalismo, democracia e socialismo), colocados de maneira utópica, e em seguida as propostas do nascente PCCh, após a vitória da revolução soviética. Em pouco tempo, o marxismo na China acabou sendo o herdeiro legítimo do pensamento clássico chinês (taoísmo e confucionismo) e da tradição camponesa de antigas e vigorosas rebeliões, que, aliás, se manifestaram tão visivelmente no século XIX e que no século XX levaram o PCCh ao poder.

Analisando o enorme sucesso do marxismo na China e na Ásia sob sua influência cultural, e comparando com outros lugares do mundo, é possível dizer que diferentes culturas, independentes das classes sociais, estiveram mais abertas ou menos abertas às idéias marxistas. O marxismo nascido na Europa ocidental protestante, cultura de raízes éticas, teve aí um ápice, mas logo depois declinou em vista da “morte de Deus” e da ascensão do “deus dinheiro”.<sup>189</sup> Já nos fins do século XIX foi a

<sup>188</sup> PUSEY, J. *China and Charles Darwin*, Cambridge, Harvard Univ. Press, 1983.

<sup>189</sup> VIEIRA de Mello, M. *Nietzsche, o Sócrates dos nossos tempos*. São Paulo, Edusp, 1993.

cultura russa que demonstrou grande receptividade às idéias de Nietzsche e principalmente às idéias marxistas, em ambos os casos graças às raízes platônicas, fortemente éticas, de sua cultura, enquanto a Europa ocidental absorveu as idéias aristotélicas, instrumentais e voltadas ao pensamento científico.<sup>190</sup> De maneira simplificada é possível dizer que as grandes religiões do século XX com viés fundamentalista, como a protestante e a muçulmana, ficaram distantes do marxismo, com desconfiança ou mesmo hostilidade, menos visível no catolicismo, como demonstrou a teologia da libertação.

Além da franca aproximação entre cultura russa e marxismo, este ganhou os corações e as cabeças de milhões de chineses, coreanos, vietnamitas certamente por razões políticas conhecidas, mas também porque o pensamento clássico chinês é antes de mais nada a negação da metafísica ou da teologia, fortes nas culturas judaico-cristãs. A sabedoria chinesa é totalmente humana, não deve nada à idéia de Deus e não acredita que o espírito se distinga da matéria. Sua visão do mundo e do homem tem características materialistas e dialéticas, além de profunda preocupação ética. A idéia de ordem exclui a idéia de lei ou de dogma. O espírito associativo e o individualismo são qualidades camponesas e sua lógica não é uma lógica rígida de subordinação, mas uma lógica flexível de hierarquia, quando todo chefe deve ser um santo (taoísmo) ou um sábio (confucionismo), como enfatizou M. Granet.<sup>191</sup> Aliás, mesmo Marx havia observado que, se as leis da economia e o progresso material estavam do lado do Ocidente, a moral e a civilização estariam sobretudo do lado dos chineses.<sup>192</sup>

Os intelectuais chineses da ala esquerda do Kuomintang e os do nascente PCCh perceberam que o imperialismo representava um dos problemas centrais, mas foi o marxismo

---

<sup>190</sup> BERDIAEFF, N. *Esprit e réalité*. Paris, Ed. Aubier-Montaigne, 1992.

<sup>191</sup> GRANET, M. *O pensamento chinês*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997, cap. XI.

<sup>192</sup> SOFRI, G. *O problema da revolução socialista nos países atrasados*, in E. Hobsbawm: *História do marxismo*, vol. 8, R. Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 331.



imbuído do pensamento chinês (taoísmo e confucionismo), que enfatizou a questão camponesa como principal, como defendeu Mao Tsé-tung em oposição ao marxismo importado da Rússia. A sociedade chinesa nos inícios do século XX ainda era fortemente estruturada pelo modo de produção asiático e assim somente em 1905 foram abolidos os exames para carreira pública, de raiz confuciana e que tiveram dois mil anos de duração. O principal é que a estrutura agrária dominante era de pequena propriedade camponesa e ainda antes da vitória da revolução maoísta, P. Gourou assinalou que a superfície total cultivada atingia 8 milhões de hectares e o número de explorações rurais estava avaliado em mais de 50 milhões e assim a superfície média de uma exploração era de 1,5 hectare. Na China do norte 12% das terras cultivadas eram arrendadas, enquanto elas atingiam 40% na China do centro e do sul, situação agravada pela existência de muitos camponeses endividados.<sup>193</sup> Cifras semelhantes foram emitidas por pesquisadores norte-americanos, conforme B. Moore Jr.<sup>194</sup> Isto quer dizer que uma maioria expressiva da população rural chinesa era composta de pequenos proprietários rurais, que constituíam o cerne das comunidades aldeãs e estavam sujeitos ao pagamento de impostos cobrados pela administração pública e não aos arrendamentos escorchantes cobrados pelos senhores rurais.

Foi a enorme sobrevida e vitalidade do pequeno e médio proprietário camponês que permitiu ao PCCh assumir a direção da luta camponesa e mobilizar milhões deles com ou sem terras. O marxismo absorveu, a duras penas, a lição muito conhecida de que no milenar modo de produção asiático foram os camponeses que freqüentemente derrubaram as dinastias decadentes e as substituíram por novas e dinâmicas. Entretanto,

---

<sup>193</sup> GOUROU, P. *La terre et l'homme em Extrême-Orient*. Paris, A. Colin, 1947, p. 112.

<sup>194</sup> MOORE Jr., B. *As origens sociais da ditadura e da democracia*. Lisboa, Ed Cosmos, 1983, p. 172.



até o século XVIII a China estava isolada do mundo, enquanto a partir do século XIX ela passou a estar inserida, mas de maneira subalterna. A vitalidade camponesa poderia mais uma vez dar uma contribuição crucial para superar esta realidade mais complexa. Assim, nos anos 20 do século XX, quando o PCCh iniciou a formação de seus quadros dirigentes, ficou evidente que muitos deles eram filhos de camponeses médios e ricos que haviam tido chance de estudar, como Li Dazhao, Mao Tsé-tung, Liu Shaoqi, Chu Tê, Lin Piao, entre outros. Também eram numerosos os filhos de administradores públicos ou profissionais liberais, como Chen Duxiu, Chu Enlai e Deng Xiaoping, e poucos eram operários, como Chen Yun, tipógrafo em Xangai, apesar da prioridade de recrutamento da IC. Dentro desta estrutura tipicamente asiática, é curioso constatar que um dos grandes dirigentes, o general Xu Shiyou (1906-1985), foi monge budista treinado em artes marciais.<sup>195,196</sup>

Os dois principais fundadores do PCCh, Chen Duxiu e Li Dazhao, foram respeitados intelectuais da Universidade de Pequim, com grande destaque na liderança do Movimento Quatro de Maio (1919), que eletrizou professores, estudantes, operários e populares em toda China, durante três meses contínuos de manifestações. Como Yang Changji, que teve grande influência sobre Mao Tsétung nas aulas de filosofia na Escola Normal de Changsha, antes de se transferir para Pequim, eles estudaram vários anos no exterior. Faziam parte de um grupo de intelectuais radicalizados nos anos da I Guerra Mundial e cujo núcleo principal se organizou ao redor da revista Juventude Nova, de grande prestígio, fundada em 1915 por Chen Duxiu em Xangai.

Chen Duxiu (1879-1942) estudou vários anos no Japão, lecionou na Universidade de Pequim de 1917-1919, retornando a Xangai depois de cumprir três meses de prisão,

<sup>195</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, glossário.

<sup>196</sup> LI, Zhisui. *A vida privada do camarada Mao*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997, perfis biográficos.

continuando a editar Juventude Nova. Apontava como principal defeito do confucionismo o cerceamento da independência individual, que estaria no centro da vida moderna, mas ao mesmo tempo exigia um caráter individual ético no exercício da política. Ainda em 1920, quando foi contatado pela IC, suas idéias oscilavam entre vários socialismos utópicos japoneses, cristão-coreanos, chineses e ocidentais, mas graças ao seu prestígio no movimento 4 de maio foi indicado secretário do comitê central provisório do PCCh. Enquanto Chen Duxiu era filho de rica família de funcionários provinciais, Li Dazhao (1889-1927) dez anos mais moço, era filho de camponeses e vendeu sua propriedade para poder estudar. De 1913 a 1916 estudou economia política no Japão, ingressando em 1917 na Universidade de Pequim como bibliotecário, desenvolvendo precocemente idéias marxistas “nativas”, em oposição às idéias marxistas “estrangeiras” defendidas posteriormente por Chen Duxiu, conforme fórmula chinesa corrente.<sup>197</sup> O acesso de Chen Duxiu ao marxismo e ao bolchevismo se deu em 1920, quando tinha quarenta anos, tendo antes valorizado as idéias de liberdade e ciência importadas do Ocidente, mas sem nunca ter se iludido com Sun Yat-sen. Mais brilhante intelectualmente foi Li Dazhao, que realizou as primeiras e ricas interpretações marxistas sobre a China e a conjuntura mundial.

Em meados de 1918 Li Dazhao saudou a revolução soviética como promessa de uma nova civilização, fazendo a mediação entre Oriente e Ocidente, influenciada pela posição geográfica e tradição cultural. Ele achava que os chineses deveriam “saudar a nova Rússia e adaptar-se à nova onda do mundo”. Além disto, em ciclos de ascensão e decadência, Inglaterra e França estavam perdendo fôlego e a Alemanha já havia alcançado seu auge, mas a Rússia, exatamente por causa de sua comparativa lentidão da evolução civilizatória, ainda

---

<sup>197</sup> BERNAL, N. *Mao e revolução chinesa*, in E. Hobsbawm: *História do marxismo*, vol. 6, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 382.



tinha energia extra para o desenvolvimento". A China não poderia dar salto semelhante? Ainda naquele ano, Li Dazhao começou a organizar discussões informais na Sociedade de estudos marxistas, que debatia *O Capital* de K. Marx e reunia no início uma dezena de alunos e professores, incluindo Mao Tsé-tung, auxiliar de bibliotecário, Qu Qiubai e Zhang Guatao, que tinham em torno de vinte anos de idade e depois se tornaram importantes líderes do PCCh. É curioso lembrar que, à maneira eurocêntrica, M. Bernal subestimando os chineses, apontou Voitinsky, enviado da IC em 1920, como co-fundador da referida sociedade, que já existia desde 1918.<sup>198</sup>

Em maio de 1919, a revista Juventude Nova publicou número especial sobre o marxismo, organizado por Li Dazhao com vários intelectuais chineses discutindo conceitos e alguns criticando a metodologia de Marx. "Minhas concepções marxistas", dele próprio, discutiu o problema da exploração capitalista e a análise do conceito de luta de classes. Sobre o problema do papel que Marx atribuía ao proletariado e ao PC como uma vanguarda, vistos sob o ângulo da realidade chinesa, Li Dazhao desenvolveu o conceito de "nação proletária", sendo a China explorada pelo imperialismo mais intensamente do que a opressão capitalista dos trabalhadores dos países centrais: "o país inteiro foi gradualmente transformado numa parcela do proletariado mundial". Nacionalista apaixonado, seu conceito de "nações proletárias" conseguiu colocar a luta de classes interna em segundo plano, em favor da luta nacional contra os imperialistas, como assinalou M. Bernal.<sup>199</sup>

Li Dazhao uniu sua rica visão internacional e da China como "nação proletária", à visão da China camponesa, denunciando a opressão dos senhores rurais e das novas forças comerciais sobre o campo. "Nossa China é uma nação rural e a maioria da classe trabalhadora é composta de camponeses. Se

<sup>198</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, glossário.

<sup>199</sup> BERNAL, N. *Mao e revolução chinesa*, in E. Hobsbawm: *História do marxismo*, vol.8, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 382.



eles não forem libertados, toda a nossa nação também não será libertada." Por isto incentivava os estudantes a irem às zonas rurais e examinar as condições de vida, e insistia na necessidade dos intelectuais se tornarem mais dignos através do trabalho ao lado dos camponeses, escapando dos poderes corruptores da vida urbana e examinando as formas em que os interesses distantes dominavam e exploravam as aldeias. Entretanto, não se tratava apenas de aplicação à China da experiência dos populistas russos do final do século XIX e começo do século XX, como assinalaram vários analistas (M. Meisner, M. Bernal e J. Spence), mas de assimilação das idéias taoístas sobre as virtudes camponesas e a importância do uso da vontade. No início de 1920 os estudantes da Universidade de Pequim, que haviam criado um "corpo de educação de massas", estagiaram em aldeias próximas e logo depois a prática se estendeu a Xangai, Cantão e outras cidades. Assim, Mao Tsé-tung e outros jovens tiraram grandes vantagens dessas experiências, que serviram para formar muitos quadros do PCCh.<sup>200</sup>

Os traços psicológicos chineses ligados ao conhecimento, ao sentimento e a vontade ajudariam a incorporar o marxismo, segundo Li Dazhao, como crítica verdadeira à ordem existente, como emoção que buscava uma nova ordem e vontade mobilizadora dos esforços necessários à transformação. Incutiu nos jovens estudantes o exemplo da seriedade intelectual, adotando uma postura criativa em relação ao marxismo, não aceitando uma subordinação mecânica da superestrutura social à base econômica e procurando aplicá-lo sem dogmas à realidade chinesa, como assinalamos anteriormente.<sup>201</sup>

Entretanto, a Internacional Comunista não soube explorar plenamente o potencial indiscutível de liderança política de Chen Duxiu e da brilhante liderança intelectual de

<sup>200</sup> MEISNER, M. *Li Tachao and the origins of chinese marxism*. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1967, p. 80.

<sup>201</sup> MEISNER, M. *Li Tachao and the origins of chinese marxism*. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1967, p. 152.

Li Dazhao e provavelmente explorou negativamente a separação destes dois tipos de liderança em indivíduos distintos, além da inexperiência político-partidária dos chineses diante da superioridade da experiência russa. Mas a gravidade da situação da China, as trágicas derrotas da revolução em 1927 e a grande experiência acumulada pelo jovem PCCh contribuíram para a junção em um único líder, Mao Tsé-tung, num processo que durou vários anos (1927-1935), das qualidades de liderança política de Chen Duxiu, obliterados pela IC, e das qualidades teóricas de Li Dazhao, igualmente desperdiçadas.

O PCCh foi dirigido pela IC com rédeas curtas desde 1921 até 1930 e mais frouxas de 1930 a 1935. Somente a partir de 1935 o PCCh alcançou sua autonomia, mantida assim mesmo com muita vigilância. Os primeiros enviados da IC, G. Voitinsky (1920) e o holandês Maring-Sneevliet (1921-23) transmitiram diretrizes organizativas do tipo bolchevique, o que se revelou correto, não só no início, como ao longo do tempo, pois grande parte da vida política e social chinesa se fazia em sociedades secretas, tendo em vista o policiamento severo. Logo depois, mesmo o Kuomintang aceitou estas instruções organizativas, passadas por Borodin (1923-1928), o principal enviado da IC. No Congresso de fundação do PCCh (1921), reunindo 13 representantes de 53 filiados, com a presença de Mao Tsé-tung, mas sem as presenças de Chen Duxiu e Li Dazhao, Maring-Sneevliet despertou naturais antipatias entre os chineses. Propôs medidas urgentes de organização dos operários, enquanto os camponeses ficariam para mais tarde, e a aliança com o Kuomintang já altamente experiente na política chinesa, visando uma revolução democrático-burguesa, como a de 1905 na Rússia. Paralelamente, na França bolsistas trabalho-escola organizaram um núcleo do PCCh sob a liderança de Chu Enlai, Li Lisan e Deng Xiaoping, e na mesma época a IC levava grupos de estudantes chineses como Qu Qiubai e Liu Shaoqi, para estudos e treinamento político em Moscou, onde estava em gestação a Universidade Sun Yat-sen, incluindo também



estudantes da Mongólia, Coréia, Japão, Indonésia e Índia, que ouviram preleções de G. Zinoviev.<sup>202</sup>

Na política de alianças, a IC patrocinou o estágio militar a Chiang Kai-shek na Rússia e ele passou a dirigir a recém-montada academia militar de Whampoa, nas proximidades de Cantão, base política de Sun Yat-sen, onde o general soviético V. Blyukher foi eficiente instrutor e Chu Enlai foi comissário político. Esta academia, salvo alguns cadetes que se tornaram membros do PCCh, como Lin Piao, foi o berço do poder anticomunista no Kuomintang, até porque se exigia diploma de curso secundário para admissão, inacessível aos estudantes pobres. Paralelamente, Sun Yat-sen não queria perder aliados poderosos e assim não aceitou propostas de Borodin, que tinha experiência em missões da IC na Europa, México e EUA, de apoiar um programa claro de salário mínimo maior e jornada de oito horas de trabalho para os operários e de confisco de terras dos senhores rurais que apoiavam chefes militares inimigos no sul da China, que o Kuomintang procurava controlar naquela época. Assim, o tom principal da aliança foi dado pela moderação dos nacionalistas, como Sun Yat-sen explicitou a Borodin. Mas a situação política se agravou nos anos 1925-27 com a expedição militar de Cantão para o norte (Wuhan e Xangai), liderada por Chiang Kai-shek e com as mobilizações operárias e camponesas lideradas pelo PCCh. As tensões entre os aliados foram aumentando e de um lado o Kuomintang tinha força militar e não tinha força popular e de outro o PCCh tinha força popular, mas não tinha armas. Paralelamente, com a morte de Sun Yat-sen a ala direita do partido, que detinha o poder militar, tratou de garantir o controle político, intimidando os líderes de esquerda, antigos amigos do líder morto, como Liao Zhangkai, que foi assassinado e o Weng Jingwei, neutralizado em Wuhan com o golpe contra-revolucionário de Chiang Kai-shek em Xangai, além da retirada

---

<sup>202</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 318.



do apoio político e financeiro pelos poderosos locais. A nova aliança entre o Kuomintang e os chefes militares regionais substituiu a aliança com o PCCh, com milhares de vítimas, inclusive Li Dazhao em Pequim.

A política de aliança com o Kuomintang foi colocada desde o início pela IC ao nascente PCCh. Como a maioria dos seus membros, Li Dazhao viu com simpatia uma aliança condicional e informal, considerando o pequeno tamanho do partido, enquanto Cheng Duxiu tinha mais reservas, por dificultar a identidade e a ação dos comunistas. Entretanto, a IC foi impondo a aliança incondicional e a adesão individual dos comunistas ao Kuomintang, "o dono da casa", como Mao Tsé-tung caracterizou após a derrota de 1927, aceitando sua disciplina e suas decisões. Mas as ações repressivas de Chiang Kai-shek aos movimentos populares ainda em Cantão, antes mesmo da expedição militar ao norte, sinalizavam os perigos que o PCCh corria. Assim, Cheng Duxiu, prevendo conflito aberto entre os aliados encaminhou em várias ocasiões pedidos de afastamento do PCCh, rejeitados seguidamente como perigosas heresias ultra-esquerdistas por N. Bukharin, que junto com Stálin admitiu em 1926 o Kuomintang como partido associado e Chiang Kai-shek como membro honorário da IC.<sup>203</sup> É curioso lembrar que a mesma postura medrosa da IC na China se repetiu mais tarde nos acordos URSS-Alemanha (1939), com concessões desnecessárias e de resultados trágicos no início da II Guerra Mundial.<sup>204</sup>

Entretanto, para poder entender melhor a China dos anos 20 é preciso estabelecer a relação entre conjunturas políticas e conjunturas econômicas. É evidente a coincidência entre fase econômica expansiva nos anos da I Guerra Mundial e a ascensão das lutas políticas, mas normalmente não se

<sup>203</sup> DEUTSCHER, I. *Trotsky, o profeta desarmado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968a., p. 336-355.

<sup>204</sup> VOLKOGONOV, D. *Stálin, triunfo e tragédia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004, caps. 34 e 35.

considera que a ascensão política que continuou até 1927 correspondeu também com o período econômico depressivo de 1920 para frente, quando começou a fase de baixa do ciclo longo mundial, com sérios prejuízos às colônias e semicolônias. Mesmo um observador cuidadoso como J. Spence<sup>205</sup> não percebeu esta mudança importante. Ora, a nova conjuntura econômica pós-1920 teve enorme papel na vida chinesa, somada à derrota política de 1927 e à intensificação da dominação imperialista.

Assim, no setor metalúrgico, por exemplo, o complexo siderúrgico de Wuhan, já referido anteriormente, que havia crescido durante a guerra mundial, fechou suas portas em 1922 em decorrência do aumento das importações de produtos metalúrgicos após a guerra. A produção de minério de ferro, que havia alcançado 1,35 milhão de toneladas em 1919, decresceu para 1,181 milhão em 1927 e a de ferro-gusa, que alcançou 237 mil toneladas, atingiu apenas 258 mil nas mesmas datas. Apenas a extração de carvão teve grande impulso, substituindo o consumo de lenha, em declínio pelo crescente desmatamento. A principal causa foi o comércio exterior chinês, que era deficitário antes da guerra, se equilibrou de 1915 a 1919 pela queda das importações, e voltou a ser altamente deficitário após 1920, com a China importando em primeiro lugar tecidos de algodão, além de outras mercadorias que poderia produzir internamente, como açúcar, arroz e trigo, querosene, etc. Não era somente a industrialização que destruía os artesanatos rurais e as corporações de ofício, mas também e principalmente as importações, que cresceram mais de 150% de 1912 a 1928, muito mais rapidamente do que a produção interna em estagnação. E o eixo da dominação estrangeira se deslocava, pois no século XIX a Inglaterra comandava o comércio exterior chinês, mas em fins dos anos 20 fornecia apenas 14% das importações, contra 17% dos EUA,

---

<sup>205</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 318-326.



enquanto o Japão alcançava 27% e sua quota não parava de crescer.<sup>206,207</sup> Em rápida comparação entre China e Brasil na mesma época, é possível dizer que no caso brasileiro o processo de importações maciças dos anos 20 foi interrompido não só pela crise mundial de 1929-30, mas principalmente pela Revolução de 1930, para a qual contribuíram as pressões sociais de baixo para cima, como a gloriosa Coluna Prestes, permitindo acelerada recuperação da produção interna e criação de empregos urbanos, atenuando a crise agrária. Na China a situação continuou a se agravar, exigindo o prolongamento da revolução camponesa, incluindo a Longa Marcha de 1934-35.

Na China dos anos 20 a depressão econômica multiplicou a derrota política, pois ao invés das centenas de milhares de trabalhadores urbanos sindicalizados, sob influência do PCCh até 1927, Chu Enlai computou 32 mil em 1928 e apenas 10% dos militantes comunistas eram operários, em queda para 3% em 1929. Chen Duxiu, que havia caído em desgraça, apontou nos anos 30, após anos de prisão sob o Kuomintang, a nova realidade esmagadora: os japoneses haviam desorganizado a indústria chinesa e assim a revolução nas cidades estava fora de questão e só tinha viabilidade com os camponeses, ao contrário do que ele achava anteriormente.<sup>208</sup>

Estava evidente que a derrota em Xangai, que teve Cheng Duxiu como bode expiatório e a derrota da tentativa ultra-esquerdista em Cantão, quando o bode expiatório foi Qu Qiubai, encerraram a primeira onda revolucionária. Em conseqüência a IC começou a levar mais a sério uma política camponesa para a China. Ainda assim, tanto Stálin como Trotski, cada um a sua maneira, continuaram a interpretar a revolução chinesa como urbana e proletária e não camponesa, imitando a experiência russa e os cânones marxistas e leninistas,

<sup>206</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

<sup>207</sup> GOWEN, H. e HALL, J. *Outline history of China*. N. York, 1927, p. 65.

<sup>208</sup> DEUTSCHER, I. *Trotski, o profeta banido*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968b, p. 436.



pretendendo saber sobre a China mais do que os chineses. A IC insistiu na prioridade de insurreições operárias, nomeando secretário-geral Li Lisan, que com Chu Enlai havia sido organizador dos levantes populares em Xangai, depois desarmados por ordem da IC, após a chegada das tropas de Chiang Kai-shek. Entretanto, esta não era a opinião de Mao Tsé-tung, mais próximo da visão de Li Dazhao do que da visão de Cheng Duxiu, e que ainda em 1927 mobilizou dois mil camponeses, desempregados e soldados na sua província natal e seguiu para as montanhas, dando origem a uma nova etapa da revolução chinesa.<sup>209</sup>

Mao Tsé-tung começou a ser conhecido no Ocidente com a publicação em 1938 do livro-reportagem *Red Star over China*, do jornalista norte-americano Edgar Snow, que mais de trinta anos depois ajudou a preparar a histórica visita de Nixon à China. Mas em 1956 Trygve Lie, da social-democracia europeia, que havia se tornado servicial dos EUA como secretário-geral da ONU, apontava os cinco grandes homens da primeira metade do século XX que ele havia conhecido: Roosevelt, Lenin, Trotski, Stálin e Churchill.<sup>210</sup> Na segunda metade do século se destacaram certamente Mao Tsé-tung e Deng Xiaoping, além de Ho Chi Minh, Che Guevara entre outros.

Mao e a China despertaram crescente interesse dos intelectuais ocidentais e vários tentaram decifrá-lo e alguns a endeusá-lo, como J. P. Sartre. I. Deutscher, grande analista das revoluções comunistas viu Mao como uma combinação de Lenin e Stálin, comparando-o também a Pugachev, o líder camponês russo do século XVIII.<sup>211</sup> O marxista italiano

<sup>209</sup> SPENCE, J. *Mao Zedong*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000, pp. 101-105.

<sup>210</sup> DEUTSCHER, I. *Marxismo, guerras e revoluções*. São Paulo, Ed. Ática, 1991, p. 224.

<sup>211</sup> DEUTSCHER, I. *Marxismo, guerras e revoluções*. São Paulo, Ed. Ática, 1991, p. 236.

G. Sofri<sup>212</sup> foi feliz em apontar o contraste entre os textos didáticos de Mao destinados às escolas de militantes, com forte rigidez ortodoxa na época do stalinismo, com a grande liberdade e inventividade dos seus diálogos privados com dirigentes do PCCh no início dos anos 60, enquanto o acadêmico inglês J. Spence, mais conservador nos anos 90, se perguntou como o jovem rebelde Mao se submeteu tão docilmente à disciplina partidária nos primeiros anos e comparou-o além disto aos reis medievais europeus, que patrocinavam breves inversões de papéis hierárquico-sociais nos doze dias de natal, dirigidas pelos "senhores da desordem", pois na verdade Mao parecia se sentir mais à vontade no mundo da desordem do que no mundo da ordem.<sup>213</sup>

Todas essas comparações são muito ricas, mas é preciso entendê-las no contexto da formação histórico-social e cultural da China. I. Deutscher lembrou que os chineses importaram o leninismo antes que o stalinismo ganhasse força, mas é importante acrescentar que antes mesmo os chineses foram à fonte, Marx naturalmente, como nas idéias criativas de Li Dazhao, que inspiraram a visão de Mao sobre a China. Com bastante razão Deutscher caracterizou Mao como uma combinação de Lenin e Stalin, mas ao invés de reduzi-lo a um Pugachev chinês, não seria mais verdadeiro compará-lo aos chefes das rebeliões camponesas que conseguiram derrubar dinastias decadentes e mais ainda a Shi Huang-ti, unificador e criador da nação chinesa (230-222 a.C.) e seu primeiro imperador, por quem ele tinha admiração e afinidade?

Quando J. Spence acertadamente enfatizou a rebeldia de Mao, poderia ter acrescentado que ele sempre foi astucioso, por exemplo nas desculpas que deu para não comparecer a algumas reuniões do PCCh nos anos 20, como ele mesmo assinalou, ou nas suas relações ambíguas com a IC e com Stalin,

---

<sup>212</sup> SOFRI, G. *O problema da revolução socialista nos países atrasados*, in E. Hobsbawm: *História do marxismo*, vol. 8, R. Janeiro, Paz e Terra, 1987, pp. 369-370.

<sup>213</sup> SPENCE, J. *Mao Zedong*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2000, prefácio.



como mostrou I. Deutscher. Por outro lado, a formação cultural de Mao uniu o espírito da disciplina confuciana com um forte espírito de rebeldia e liberdade taoísta, com ventos que podiam soprar por direções incertas,<sup>214</sup> bem mais do que breves dias da “desordem” nas cortes medievais européias. O contraste entre os textos didáticos ortodoxos e o pensamento inventivo das conversas privadas, apontado por G. Sofri, vão nesta mesma direção, pois o pensamento chinês, seja confucionista como taoísta, não simpatiza com idéias prontas e muito menos dogmas, preferindo a valorização de temas favoráveis à meditação livre, que despertem o uso da inteligência e permitam alcançar o ideal de uma completa sabedoria.<sup>215</sup>

A rebeldia de Mao Tsé-tung (1893-1976) teve início na infância e juventude, no interior de sua família camponesa, na rica província de Hunan, de tradição nacionalista e autonomista. Sua família sintetizava as duas faces do camponato, apontadas por Lenin: o lado igualitarista, personificado na sua mãe e o esforço de acumulação, personificado no pai. Seus pais tiveram sete filhos, dos quais três meninos sobreviveram, e Mao, o mais velho, liderava a “frente única” que se opunha ao autoritarismo do pai, com o apoio conciliador da mãe, que o convencia, quando necessário, a se ajoelhar perante o pai ofendido, o que ele fazia com um único joelho, usando de astúcia, conforme sua autobiografia.<sup>216</sup> Aos seis anos de idade começou a ajudar na lavoura paterna e aos oito passou a freqüentar a escola primária da aldeia durante cinco anos, sem interromper o trabalho, incluindo a contabilidade do pai, que havia passado a adquirir arroz de camponeses vizinhos e remetê-lo a pequena cidade próxima e assim conseguiu acrescentar ao seu lote de um hectare mais meio, empregando um assalariado. O pai de Mao forçou-o a se casar aos catorze anos, mas a esposa

<sup>214</sup> BRÉMOND, R. *La sagesse chinoise selon le Tao*. Paris, Lib. Plon, 1955.

<sup>215</sup> GRANET, M. *O pensamento chinês*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997, pp. 349-354.

<sup>216</sup> MAO Tsé-tung, *Mi vida*. Buenos Aires, Ed. Futuro, 1979.



morreu muito cedo, assim como propôs, sem êxito, que ele trabalhasse junto ao atacadista de arroz.<sup>217</sup>

Entretanto, Mao havia se fascinado pelas leituras históricas das antigas dinastias e pelos relatos sobre os perigos contemporâneos que envolviam a nação chinesa e assim resolveu sair de casa aos dezesseis anos, em 1910, e voltar aos estudos nas cidades próximas e depois em Changsha, capital da província, cursando a Escola Normal de 1913 a 1918, onde conviveu intensamente com o professor Yang Changji (1870-1920), que havia estudado no Japão, na Grã-Bretanha e na Alemanha e que foi fundamental à sua formação intelectual e moral. Com a transferência de seu mestre à Universidade de Pequim, Mao conseguiu trabalho na biblioteca daquela instituição.

Antes disto, de 1910 a 1911, nos primeiros anos fora de casa, Mao assistiu dois acontecimentos marcantes, que ajudaram a aguçar sua rebeldia astuciosa. Em 1910 ocorreram em toda província de Hunan rebeliões rurais, decorrentes das más safras agrícolas e da exploração social, desde sua aldeia natal até Changsha, quando camponeses esfomeados reuniram-se sob o lema “Coma arroz de graça” e assaltaram depósitos e carregamentos de arroz, inclusive uma remessa pertencente ao pai de Mao, assim como as artimanhas usadas pelo poder para a repressão sangrenta. Em 1911 assistiu a rebelião militar vitoriosa em Changsha, visando a queda da dinastia manchú, como aconteceu em toda a China, mas logo depois o assassinato dos dois jovens organizadores, pelos seus próprios chefes, em decorrência de suas idéias “perigosas”.<sup>218</sup> Na mesma época, ao reiniciar seus estudos fora de sua aldeia, nas cidades pequenas, em Changsha e em Pequim sentiu na pele os preconceitos em relação aos simples filhos de camponeses e sua visão crítica foi aumentando. Em Changsha, aos dezoito anos adotou ótica diferente da exposta nos famosos *Registros Históricos* do século II a.C, a propósito de importante ministro da dinastia Qin, visto

<sup>217</sup> SPENCE, J. *Mao Zedong*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000, pp. 21-25.

<sup>218</sup> SPENCE, J. *Mao Zedong*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000, p. 34.

como “cruel, inescrupuloso e impiedoso”, vendo o seu lado competente no processo de unificação da China e de reorganização da sociedade. Logo depois, na Escola Normal, Yang Changji estimulou seus alunos a discutirem, entre outros livros, o *Sistema de Ética*, do alemão F. Palmer, hendonista e utilitarista, segundo o qual “todos os seres humanos, sem exceção, tendem a enfatizar o interesse próprio sobre o interesse dos outros”, com o que Mao discordou, contrapondo seu conhecimento acumulado da sociedade chinesa, como lembraria no elogio fúnebre a sua mãe em 1919, que tinha um “amor imparcial que se estendia a todos, próximos ou distantes, parentes ou não”.<sup>219</sup> Mao continuava a ler avidamente romances históricos e em 1917, após a leitura de *A margem da água*, sugeriu aos colegas que todos imitassem o exemplo dos camponeses rebeldes que subiram as montanhas, como ele fez dez anos depois.<sup>220</sup>

Pouco antes de subir às montanhas, Mao foi chamado, após o massacre contra-revolucionário de Xangai, à reunião urgente sobre política agrária com Borodin, Chen Duxiu e Wang Jingwei, do governo de Wuhan, mas tudo inutilmente, pois a contra-revolução continuou na ofensiva. No ano anterior os comunistas chineses, bloqueados pela IC, haviam perdido a chance de liderar as rebeliões camponesas em andamento, através das “Associações de camponeses pobres” dos arredores de Cantão, que haviam começado a ocupar terras. Mao que havia se tornado diretor da Escola de quadros camponeses do Kuomintang em Cantão, estudava com afinco o mundo rural de Hunan e trabalhava na organização de centenas de milhares de seus membros. Quando à efervescência política, observava naquele momento, que numa escala de dez pontos, os “habitantes urbanos e militares mereciam três pontos, enquanto os sete pontos restantes deveriam ir para os camponeses em sua revolução social”.<sup>221</sup>

<sup>219</sup> SPENCE, J. *Mao Zedong*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000, p. 24.

<sup>220</sup> SCHRAN, S. *The political thought of Mao Tsé-tung*. N. York, 1972, pp. 157-160.

<sup>221</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 346.



No final dos anos 20 existiam nas montanhas do sul da China vários pequenos “soviets” camponeses atuantes, um deles liderado por Deng Xiaoping, mas o de Mao era o mais ativo. Foi logo reforçado pela chegada das tropas de Chu Tê (1886-1976), militar de profissão, comunista desde 1922 e com vida aventureira que incluiu o consumo de drogas, estágio na Alemanha (Universidade de Göttingen) e estudos militares na URSS. Assim, nas montanhas começava a nascer o Exército vermelho, fundado por Chu Tê, sob supervisão política de Mao, que recebeu dele as primeiras lições militares, incluindo as leituras dos clássicos chineses, como *A Arte da guerra* de Sun Tzu, que ele usou no seu famoso *Sobre a contradição*, de 1937, onde também explorou idéias de Marx, Engels e sobretudo de Lenin, além das outras leituras chinesas, como o citado romance *A margem da água*.<sup>222</sup> Àquela altura Mao Tsé-tung se tornava um marxista muito criativo, como seu mestre Li Dazhao, apesar da opinião de E. Hobsbawm, na sua fase “light”, para quem o marxismo de Mao não ia muito além da leitura do texto teórico de Stalin, da *Breve história do PC da União Soviética*,<sup>223</sup> mas é bom não esquecer que o historiador inglês, na sua fase ortodoxa, fez elogios exagerados à experiência soviética.<sup>224</sup> É importante lembrar que o caminho assumido por Mao, Chu Tê e outros em 1927 só se consolidou definitivamente em 1935, após a conclusão da heróica Grande Marcha, quando O. Braun, enviado da IC e que havia participado da insurreição comunista na Baviera junto com Olga Benário, foi derrotado no PCCh, tendo Mao assumido a liderança principal. Nos idos revolucionários de 1925-1927 as idéias de Mao foram malvistas por Chen Duxiu e eram simpáticas a Qu Qinbai (1899-1935), seu colega nos seminários de Li Dazhao na Universidade de Pequim, e continuaram malvistas

<sup>222</sup> TSÉ-TUNG, Mao. *Sobre a prática e sobre a contradição*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 1999, pp. 37-95.

<sup>223</sup> HOBBSAWM, E. *A era dos extremos: o breve séc. XX*. São Paulo, Cia. das Letras, 2005, p. 452.

<sup>224</sup> HOBBSAWM, E. *Do feudalismo para o capitalismo*, in P. Sweezy: *A transição do feudalismo para o capitalismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004, p. 208.



por Li Lisan (1900-1967), que começou a ser desobedecido por Mao e Chu Tê pelas ordens suicidas emanadas da IC. Stalin e Trotski continuavam a comparar o 1925-27 chinês ao 1904-05 russo e trabalhavam para que ocorresse na China um 1917 russo. Stalin, mais poderoso, despachou para a China em 1930 os “vinte e oito bolcheviques e meio”, como os chineses ironizavam, um dos quais acabou retornando à URSS em 1956, desconsolado e raivoso. Nem às vésperas da vitória de 1949 acreditava que ela ocorreria, como disse aos comunistas iugoslavos.<sup>225</sup> Tanto Mao como Ho Chi Minh nasceram antes de mais nada, nacionalistas e antiimperialistas convictos e por isso mesmo se tornaram marxistas militantes.

Diferentemente do marxismo soviético, herdeiro do marxismo da Europa ocidental, adaptado brilhantemente por Lenin às condições da sociedade russa e à nascente etapa imperialista mundial, o marxismo de Mao, adotando o leninismo, caracterizou-se por uma obsessiva e profunda preocupação pelos destinos da China, que precisava se livrar de qualquer domínio estrangeiro, inclusive da IC, recuperar sua antiga grandeza e para isto retomar o papel crucial dos camponeses na vida chinesa, como Li Dazhao ensinou aos seus discípulos. A preocupação com o destino da China permitiu 1) retirar a IC do comando da revolução chinesa (1935), 2) aliança com o Kuomintang para combater a invasão japonesa (1937-45), tornando o PCCh o principal depositário dos interesses nacionais, 3) a ofensiva militar na guerra civil de 1946-49 contra o Kuomintang, apoiado pelos EUA, 4) a participação decisiva na Guerra da Coréia (1950-53), a primeira derrota militar dos norte-americanos (depois novamente derrotados no Vietnã, comandado por Ho Chi Minh e Giap), 5) a ruptura da China em relação aos soviéticos (1960) e, 6) a aproximação dos EUA (1972), que garantiu a reinserção da China na economia mundial, compreendida sob a liderança de Deng Xiaoping, nos anos 80.

---

<sup>225</sup> DJILAS, M. *Conversações com Stalin*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1964.

Diante da ofensiva ideológica do imperialismo, há ultimamente entre muitos intelectuais de esquerda uma forte tendência a julgar Mao Tsé-tung de maneira depreciativa e mesmo superficial como na observação de E. Hobsbawm sobre o seu marxismo ou no juízo eurocêntrico de J. Spence (*Mao Zedong*). Mais correto seria tentar entendê-lo, como fez Deng Xiaoping, usando a própria idéia de Mao, segundo o qual grande estadista é aquele que acerta em 70% de suas decisões. Aliás, deve-se dizer que Mao tinha grande respeito por Deng, como ficou registrado na apresentação dos dirigentes chineses aos dirigentes soviéticos em Moscou, por ocasião das comemorações do 40º aniversário da Revolução bolchevique<sup>226</sup> e às vésperas de sua morte preparou Deng para sua sucessão, como discutiremos depois.

Deng Xiaoping (1904-1997), filho de advogado, chegou ao marxismo por caminhos próprios, como Chu Tê e Chu Enlai e os três tornaram-se juntos membros do comitê permanente do Politburo, a alta direção do PCCh, em 1956. Esteve na França de 1921 a 1926 em estágio escola-trabalho, exercendo a função de operário mecânico e tomando conhecimento da defasagem tecnológica da China. Militou no movimento estudantil sob a liderança de Chu Enlai e iniciou-se nos "rudimentos" do marxismo, como disse, a partir das leituras do Manifesto Comunista e do ABC do comunismo, filiando-se ao PCCh em 1924. Em 1926-27 estudou na Universidade Sun Yat-sen em Moscou e em 1928-29 organizou soviets camponeses no Sul da China, mas acabou se rebelando contra as ordens ultra-esquerdistas do IC e de Li Lisan, e foi se aproximando da linha de Mao Tsé-tung de lutas de guerrilhas prolongadas.<sup>227,228</sup>

<sup>226</sup> KHRUSCHEV, N. *Memórias de Khrushchev*. S. Paulo, Siciliano, 1991.

<sup>227</sup> DENG Xiaoping. *Selected Works*. 3 vol., Beijing, Foreign Language Press, 1992.

<sup>228</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, pp. 315-365.



Os sucessores indicados por Mao, Liu Shaoqi (1898-1969) e Lin Piao (1907-1971), acabaram perdendo sua confiança. O primeiro se destacou em 1942, apoiando Mao na luta contra Wang Ming, chefe da facção dos "vinte oito bolcheviques e meio", enviados por Moscou em 1930 e proclamando a necessidade do estudo do "pensamento de Mao Tsé-tung". Tornou-se então o segundo homem do PCCh, mas após o XX Congresso do PCUS, com as críticas a Stalin, passou a divergir de Mao. Enquanto este, acompanhando a tendência soviética da época, propunha ênfase na indústria leve e na agricultura, Liu Shaoqi defendia a continuação da prioridade da indústria pesada e propunha a retirada da obrigatoriedade do estudo do "pensamento de Mao" dos estatutos do Partido, por conta do combate ao "culto da personalidade". Liu foi nomeado presidente da República em 1959, passando a exercer poder paralelo ao de Mao e no mesmo ano, de maneira estranha, o trem e as residências provinciais usadas por Mao passaram a ser "grampeados".<sup>229</sup>

Em 1962 Lin Piao iniciou os elogios públicos a Mao e em 1964 editou o *Livro Vermelho*. Depois de indicado sucessor propôs contra a vontade de Mao o restabelecimento do cargo de presidente da República, que havia sido extinto. Lin Piao em 1950 havia opinado contrariamente à entrada da China na Guerra da Coréia, assim como era secretamente contrário a aproximação com o EUA. Ora, para Mao os interesses da China estavam acima de qualquer consideração ideológica e aquelas duas decisões estratégicas eram para ele inquestionáveis.

Próximo da morte, descartada a sucessão via Chu Enlai (1898-1976), Mao iniciou em 1973 a reintegração de Deng na direção do PCCh, providenciando a reabilitação e a reinstalação dos seus seguidores no comitê central. Já em 1967 após os distúrbios estudantis fugirem ao controle, ordenou o restabelecimento da ordem nas fábricas e universidades de

<sup>229</sup> LI, Zhisui. *A vida privada do camarada Mao*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997, p. 471.



Pequim impondo o limites à chamada Revolução cultural, que por ele havia estimulado. Segundo sua avaliação a “direita” iria voltar ao poder, mas no futuro haveria uma reação de esquerda.<sup>230</sup> Entretanto, a história da China parecia impor sua lógica, pela qual após prolongada decadência da dinastia manchú ocorreu curto período de rupturas sangrentas e revolucionárias, sob a liderança de Mao Tsé-tung, abrindo um período de prolongada prosperidade, que começou sob o comando de Deng Xiaoping.

Antes que a prosperidade começasse a chegar à China, com as reformas econômicas lideradas por Deng, o país que ele herdou em 1978 já era independente e ativo, frente à URSS e aos EUA. Desde o nascimento da República popular, a China havia começado sua recuperação econômica, apesar de ser ainda muito pobre. Os pontos de partida haviam sido a reforma agrária de 1950-51 e o primeiro plano quinquenal, de inspiração soviética. A reforma agrária aplicada com o julgamento de centenas de milhares de senhores de terra, muitos deles assassinos de camponeses ou colaboracionistas dos japoneses, melhorou rapidamente o nível de vida de milhões de camponeses. Junto com o primeiro plano quinquenal (1953-57), que recolocou em funcionamento as indústrias e a rede ferroviária e as ampliou, foram duas penosas e vitoriosas batalhas econômico-sociais. Assim, a China foi se recompondo economicamente, a expectativa de vida de 35 anos em 1949, subiu para 68 anos em 1982 e a taxa de matrículas na escola primária que era inferior a 50% em 1952 alcançou 96% em 1976, avanços maiores do que os conseguidos na Índia ou na Indonésia, que se tornaram independentes na mesma época.<sup>231</sup>

As duas grandes batalhas acima referidas ocorreram paralelamente a uma terceira, a Guerra da Coréia (1950-53), uma carga muito pesada para o povo chinês e leve para a URSS,

<sup>230</sup> LI, Zhisui. *A vida privada do camarada Mao*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997, p. 582.

<sup>231</sup> HOBBSAWM, E. *A era dos extremos: o breve séc. XX*. São Paulo, Cia. das Letras, 2005, p. 455.

pois além dos mortos e feridos, a China arcou com quase 90% do seu custo em armamentos e munições, fazendo um empréstimo de US\$ 1,3 bilhão junto aos soviéticos. Às vésperas de sua morte, Chu Enlai não podia esquecer de incluir na proposta das “Quatro modernizações”, iniciadas logo depois por Deng Xiaoping, a modernização militar. Mas a primeira modernização das forças armadas chinesas começou durante a Guerra da Coréia, com o treinamento de oficiais na URSS e adoção de armas mais modernas. O efetivo militar chinês diminuiu de 5,0 milhões em 1950 para 3,5 milhões em 1953, tendo havido desmobilização de 3,0 milhões e recrutamento de 1,5 milhão de novos soldados e continuou a diminuir nos anos seguintes, paralelamente à crescente profissionalização. Ainda em 1955 a China iniciou a fabricação dos caças Mig-17, sob licença soviética, e iniciou o seu programa de foguetes e mísseis balísticos, em decorrência do retorno do cientista sino-americano H. S. Tien, retido por vários anos pelo governo norte-americano.<sup>232,233</sup>

Enquanto os russos, durante todo período soviético, não conseguiram se livrar do complexo de inferioridade diante do Ocidente e acabaram se tornando vítimas de aprendizes de feiticeiros (Gorbachev) e de picaretas (Yeltsin), intimidados pela “Guerra nas estrelas” de Reagan, os chineses, como herdeiros de uma rica civilização recobram seu orgulho e dignidade, conduzidos por Mao e Deng. Isto incluiu a transformação da China em potência militar pela rápida incorporação de tecnologias de ponta, que levou há pouco tempo ao humilhante pouso forçado de avião de espionagem norte-americano. Assim como *A Arte da guerra*, de mais de dois mil anos atrás ajudou a Mao e Chu Tê a organizarem o Exército vermelho em 1927-28, o livro continua hoje em dia ajudando a China na batalha de sua ascensão pacífica no século XXI, como dizem seus atuais dirigentes, competentes sucessores de Deng Xiaoping. Deve-se

<sup>232</sup> SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, pp. 527-530.

<sup>233</sup> SHENKAR, O. *O século da China*. Porto Alegre, Bookman, 2005, p. 57.



dizer que houve um processo contínuo de modernização das forças armadas desde 1950 até hoje, mas um novo tipo de gerenciamento do programa científico-militar foi introduzido por Deng, aumentando o papel dos cientistas em relação aos militares como assinalou A. Porto de Oliveira.<sup>234</sup>

De Mao a Deng Xiaoping também houve em grande parte uma continuidade na linha política e ideológica, como no enunciado dos “Quatro pontos cardiais” do futuro da China, formulado por Deng em 1979: 1) o caminho socialista, 2) a ditadura democrático-popular, 3) a liderança do PCCh e 4) o marxismo-leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung, valorizando o legado de seu antecessor. As diretrizes expostas já apareciam em vários textos de Mao, mas a adoção da estatização precoce, de inspiração soviética, levou a China a descartar a burguesia nacional, que ele havia incluído no campo democrático-popular, nos anos de 1948-49, nos textos *Sobre a ditadura democrático-popular* e *Sobre a questão da burguesia nacional e dos nobres esclarecidos*, *Obras completas* – 4.<sup>235</sup>

Ora, muito oportunamente, Mao havia adotado um enfoque político na análise das classes sociais chinesas desde seus primeiros estudos sobre os camponeses de Hunan: as classes e camadas favoráveis e as contrárias à revolução em cada nova conjuntura, enfatizando a unidade dos contrários, fundamental na dialética chinesa clássica, distinguindo contradição principal e seus pólos e contradições secundárias<sup>236</sup> e procurando se basear na “linha de massas” do marxismo chinês de Li Dazhao, verificando permanentemente a realidade dos camponeses.<sup>237</sup> Mas os desafios e as pressões externas e internas após o XX

<sup>234</sup> OLIVEIRA, A. Porto. *Estado, revolução e desenvolvimento*. São Paulo, Princípios nº 75, 2004.

<sup>235</sup> TSÉ-TUNG, Mao. *Obras escolhidas*, 4 vol., São Paulo, Ed. Expressão Popular, 1979, vcl. 4.

<sup>236</sup> TSÉ-TUNG, Mao. *Sobre a prática e sobre a contradição*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 1999, pp. 70-80.

<sup>237</sup> TSÉ-TUNG, Mao. *Sobre a prática e sobre a contradição*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 1999, pp. 11-36.



Congresso do PCUS atingiram Mao, que havia apontado a idéia de Khruchev sobre o “culto a personalidade” de Stalin como a superfície do fenômeno stalinista, cuja profundidade residia no chauvinismo de grande potência e no caráter grão-russo do líder antes endeusado e depois denegrido.<sup>238</sup> *A experiência histórica da ditadura do proletariado*). Desafiado, Mao pretendeu acelerar o crescimento chinês pela via de um voluntarismo esquerdista desligado da realidade, e se aproximou das idéias voluntaristas de Trotski. Mao soprou a ventania taoísta contra o burocratismo do PCCh, mas quase perdeu o controle da situação.

Entretanto, na história do socialismo da URSS passou-se do comunismo de guerra à NEP e depois à estatização da indústria e agricultura. O comunismo de guerra dos primeiros anos foi um igualitarismo imposto pelas circunstâncias, que depois levou à flexibilização com a NEP, que anos depois foi abortada pela aproximação da II Guerra Mundial. A China inexperiente, começou com um excesso de estatização na indústria e em seguida de coletivização na agricultura, imitando a URSS, e após o XX Congresso do PCUS, quando quis cortar caminho frente ao modelo soviético, aprofundou ainda mais a estatização, o voluntarismo que supervalorizava a política e subvalorizava a economia, e o igualitarismo sobre bases materiais muito pobres, desembocando em fracasso econômico-político em duas etapas, o Grande Salto e a Revolução Cultural. Mesmo advertido na primeira etapa por Peng Dehuai (1898-1974), herói da Grande Marcha e da Guerra da Coréia, Mao só foi tomar consciência tardiamente, depois da fome e morte de milhões de camponeses, alegando que os dirigentes nem sempre deveriam se basear na “linha de massas”.

Mas, foi ouvindo os camponeses em visita a uma das províncias nos anos 70, que Deng descobriu que eles burlavam

---

<sup>238</sup> TSÉ-TUNG, Mao. *A experiência histórica da ditadura do proletariado*, in Denis et alli: *O que é stalinismo*. Ed. Vitória, tradução do editorial do Jeminjipao 5/4/56, 1957, pp. 9-22.

astutamente as diretrizes governamentais, com a mesma rebeldia astuciosa de Mao, e praticavam agricultura familiar sob o manto oficial da coletivização. A verdade contida na prática dos camponeses deu origem aos “contratos de responsabilidade familiar”, a primeira reforma que deu nascimento à gigantesca NEP chinesa. Tendo em conta que o campesinato é a maior base social do PCCh, é interessante lembrar que Mao representou mais os camponeses pobres, para os quais o igualitarismo é mais importante, e filosoficamente sempre teve maiores simpatias pelo taoísmo, enquanto Deng representou mais os camponeses médios e grandes, para os quais a acumulação é mais importante e suas simpatias filosóficas tenderam mais para o confucionismo.

Mao e Ho Chi Minh, como legítimos herdeiros de civilização milenar aproveitavam seus poucos momentos de folga para escrever poesias, sendo que o heróico vietnamita fez belos versos nas prisões chinesas do Kuomintang, em 1942-43, para que o dia da liberdade viesse mais depressa, como dizia.<sup>239</sup> Quais dos presidentes da maior potência do mundo, decantados pela mídia de aluguel como Kennedy ou Clinton, que eles tiveram que enfrentar e derrotar, seriam capazes da mais leve produção artística? Como Ignacio Rangel, que no seu domicílio coacto em S. Luiz do Maranhão durante o Estado-Novo repensou o Brasil, Deng Xiaoping aproveitou sua prisão domiciliar nos anos da Revolução Cultural para repensar os destinos da China pós-Mao Tsé-tung, e uma de suas primeiras reflexões, em 24 maio de 1977 destinadas aos chineses ainda infeccionados pelo esquerdismo infantil, intitulou-se “*Respeitem o conhecimento, respeitem o pessoal treinado*”,<sup>240</sup> quando disse que a chave para atingir a modernização era o desenvolvimento da ciência e tecnologia e que os EUA tinham 1,2 milhão de pessoas na pesquisa científica, a URSS 900 mil e a China apenas 200

<sup>239</sup> CHI MINH, Ho. *Diário de Prisão de Ho Chi Minh*. Rio de Janeiro, Difel, 1971, p. 31.

<sup>240</sup> DENG, Xiaoping. *Selected Works*. 3 vol., Beijing, Foreign Language Press, 1992, vol. 2.



mil, mas com uma defasagem de uns vinte anos atrás dos países desenvolvidos. Deng indicou o Japão como o modelo a ser seguido e que a Restauração Meiji havia sido uma campanha de modernização, empreendida pela emergente burguesia japonesa e que os chineses, como proletários, deveriam e poderiam fazer mais.

Alguns pesquisadores brasileiros que visitaram a China deram ricos depoimentos sobre os resultados da experiência iniciada por Deng Xiaoping e os desafios que ainda devem ser enfrentados. A. Porto de Oliveira<sup>241</sup> e E. Jabbour<sup>242</sup> assinalaram os progressos econômico-sociais e políticos que foram alcançados, também apontados pelo marxista italiano D. Losurdo, caracterizando muito corretamente a experiência como uma “*NEP gigantesca e inédita*”.<sup>243</sup> É interessante lembrar, para dar um exemplo, que a produção de aço da China em 1955 era de apenas de 2,8 milhões de toneladas, insignificante diante dos grandes produtores, mas já havia alcançado 31,7 milhões em 1978 e atingia 220,1 milhões em 2003, de longe a maior produção do mundo, realizada por empresas estatais. Na estratégia de Deng as reformas tiveram uma seqüência lógica, começando pela reforma da agricultura e continuando com a experiência das quatro zonas econômicas especiais, logo depois ampliadas por todo o território chinês e depois alcançando as capitais provinciais e recentemente todo o vale do Yang Tsé.

No início, convidado pessoalmente por Deng, Akio Morita, da Sony, não acreditou na experiência, como também as multinacionais japonesas num primeiro momento, diferentemente dos capitalistas chineses de Hong Kong e

<sup>241</sup> OLIVEIRA, A. Porto. *Tentando compreender a China*. São Paulo, Política Externa, vol. 15, nº 1, 2006.

<sup>242</sup> JABBOUR, E. *China: infra-estruturas e crescimento econômico*. São Paulo, Ed. Anita Garibaldi, 2006.

<sup>243</sup> LOSURDO, D. *Fuga da história? A revolução russa e a revolução chinesa vistas de hoje*. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 2004, p. 66.



Cingapura, que logo instalaram fábricas nas quatro primeiras ZEE. Dentre as estrangeiras, as européias chegaram cedo (Volks, Citroën, etc.), mas com o tempo a corrida para a China se acelerou. Só que os chineses tinham objetivos claros de absorver as tecnologias mais modernas, como os Tigres haviam feito inicialmente, copiando o modelo japonês, a começar pelos capitalistas chineses que haviam fugido de Xangai e se instalado em Hong Kong. As tecnologias de ponta estão sendo absorvidas de todos os lugares do mundo, como da antiga URSS, que forneceu tecnologias de foguetes, satélites, gasodutos, além de milhares de cientistas contratados pela China. No caso da estrada de ferro que acaba de alcançar Lhasa, no Tibet, com 960 km acima de quatro mil metros do nível do mar e com muitos trechos sobre solo gelado, os vagões ultramodernos foram fornecidos pela Bombardier canadense, com transferência de tecnologia. O Brasil participa com poucas indústrias de ponta (Weg, Embraer, etc.) mas principalmente com pilotos para as companhias aéreas e técnicos para as indústrias de calçados.

Assim, se a NEP soviética foi abortada pela proximidade da II Guerra Mundial, o retorno ao mercado, proposto ineptamente por Gorbachev, pois o avanço do socialismo na URSS dependia da aplicação maciça de automação industrial, que os soviéticos já dominavam, e a conseqüente diminuição da jornada de trabalho e a possibilidade de combinar autogestão nas empresas com planejamento central, a NEP chinesa tem muitas décadas pela frente, é um antídoto aos perigos da burocratização e leva em conta a quase impossibilidade de uma III Guerra Mundial, confrontando capitalismo e socialismo, passando o campo de luta a ser o comércio internacional, como mostra a crescente presença chinesa na África e nos países subdesenvolvidos em geral, com os quais a China programou déficits comerciais, vastamente compensados pelos superávits com os EUA e a Europa. Assim,

provavelmente, vale para o comunismo asiático os versos de Ho Chi Minh:<sup>244</sup>

*Aqueles que saem da prisão podem reconstruir o país,  
O sofrimento é um teste para a fidelidade do povo.  
Aqueles que protestam na injustiça são pessoas de valor.  
Quando as portas da prisão se abrem, o verdadeiro  
dragão voará para fora.*

---

<sup>244</sup> CHI MINH, Ho. *Diário de Prisão de Ho Chi Minh*. Rio de Janeiro, Difel, 1971, p. 17.